insomnia

MAGAZINE



#6

INSOMNIA MAGAZINE N.º 6
MAIO 2018 • SEMESTRAL • ONLINE • GRÁTIS

9 772183 505009 06



SCHOOL of SKULLS

LIVRO DE RELATOS PROVOCADORES
DE MARCO BRUNENGO E MATU SANTAMARIA

WWW.SCHOOLOFSKULLS.COM

Leves como penas

POR GONÇALO PINTO JORGE



Embora estejamos há já seis edições sem dormir, afinal o nome da publicação é mesmo esse, sentimo-nos bem.
Sentimo-nos efetivamente leves como penas. Não quer isso dizer que nos mantenhamos com a carga a cem porcento, significa somente que sentimos que cumprimos o nosso dever. As pálpebras até pesam, mas o espírito está bem leve.
Durante estas seis edições, celebrámos, da melhor forma que conseguimos, o erotismo, a beleza feminina, a arte e a cultura. Poderíamos ter feito mais? Claro que sim! Temos a consciência de que poderíamos ter feito muito mais. É sempre possível ir mais longe e fazer melhor, mas estamos orgulhosos pela meia dúzia de edições a que chegámos. É uma *milestone* que nos faz sorrir.
Talvez agora possamos, pelo menos, dormir uma sestinha. É hora de passar levemente pelas brasas, numa espécie de *power nap*, para que as energias voltem aos três pauzinhos.
Mas voltemos agora a nossa atenção para o presente. E por presente entende-se o momento atual e, também, esta prenda que agora lhe oferecemos: a INSOMNIA Magazine #6. Começando pela capa. Talvez tenha reparado que está ligeiramente diferente. É fresca, é doce, é rosa! Mas a cor não importa realmente, o que importa é a energia e a beleza inebriante de Hellyda Cavallaro, captada pela objetiva da nossa Ana Dias num ensaio fotográfico muito *pop* e cheio de boas vibrações. Temos também quatro lindas mulheres vindas das terras do alfabeto cirílico que não pode deixar de conhecer: a Anna, a Natalia, a Valeria e a Julia.
Nesta edição, contamos ainda a estória bonita, em forma de reportagem, de um *designer* português que desenvolveu a identidade visual de uma marca de cerveja na Síria, e fomos mergulhar (literalmente) numa modalidade desportiva pouco conhecida por cá, mas muitíssimo emocionante, o hóquei subaquático.
O título deste editorial, e os jogos de palavras que fui para aqui fazendo, tem mais uma razão de ser: "Leve como uma pena" é um dos temas centrais do mais recente disco de Ana Bacalhau, a nossa entrevistada desta edição!
Há aqui muitas coisas boas para ver e para ler. Não perca mais tempo. Avance!

INSOMNIA Magazine: you can sleep when you die.

Foto: Ana Dias





insomnia

MAGAZINE





8 **ELA NÃO DORME**
LEONOR TELES: APLAUSO DE PÉ

10 **ATUALIDADE**

13 **SUPER-HEROÍNA**
PEREZFECTO

14 **ELE NÃO DORME**
A ARTE DE DUARTE ELVAS

16 **AGENDA**

24 **PARA LER**
CHINA - SÉCULO XX

25 **PARA OUVIR**
AZÁFAMA: O SONHO ATÉ AGORA

26 **CINEMA | TV | ONLINE**

30 **ARTE**
PALLCO: UM ALTAR DO UNIVERSO

32 **DESPORTO**
ECLIPSES MUNDIAIS

34 **LISTA DAS COMPRAS**

38 **O ESTILO DE**
EDGAR GONÇALVES

40 **INSOMNIA GIRL**
ANNA ALEKSASHINA

54 **REPORTAGEM** HOLD YOUR BREATH
AND STICK IT IN!

58 **TALENTO**
A COR DE MARIA UVE

66 **REPORTAGEM** UMA CERVEJA PARA
CRIANÇAS COM CANCRO

72 **INSOMNIA GIRL**
NATALIA ANDREEVA

86 **BD**
PÁSSARO LIVRE

92 **INSOMNIA COVER**
HELLYDA CAVALLARO

108 **INSOMNIA GIRL**
VALERIA YASKOVA

120 **ENTREVISTA** ANA BACALHAU
EM NOME PRÓPRIO

128 **INSOMNIA GIRL**
JULIA YAROSHENKO

144 **VIAGEM**
A ILHA DO MISTÉRIO

147 **BAR | RESTAURANTE**

148 **ALGO BOM** CRAFTS & DESIGN
UM REFÚGIO DE ENTRADA GRATUITA

151 **FOLLOW ME**
JOANA DUARTE

152 **FICÇÃO** A GRANDE PARADA
DE AGOSTO



NA CAPA
HELLYDA CAVALLARO
FOTOGRAFADA
POR ANA DIAS.

DIRETOR
E EDITOR DA PUBLICAÇÃO
Gonçalo Pinto Jorge

DIRETORA DE ARTE E FOTOGRAFIA
Ana Dias

REDAÇÃO
Alexandra Couto, Joana Clara

COLABORADORES - TEXTO
Alexandre Mendes, André Vidigal, Filipe Magalhães, Hugo Vinagre, João Nuno Silva, Luís Santos, Pat R, Sofia Santos

COLABORADORES - FOTOGRAFIA
Alexey Trifonov, Dmitry Chapala, Paul Tremasov, Vladimir Serkov

COLABORADORES - ILUSTRAÇÃO
Inês Ferreira, Maria Uve, Matu Santamaria, Perezfecto, Pol Andreu Sansano

WEB
Nuno Marques Luís

VÍDEO
Filipe Figueiredo

SEDE DA REDAÇÃO
RUA FERNANDO NAMORA 39, 6.º B, 1600-451 LISBOA, PORTUGAL
GERAL@INSOMNIAMAGAZINE.COM

PROPRIEDADE
Gonçalo Pinto Jorge Lda

INSOMNIA MAGAZINE N.º 6
MAIO DE 2018 • SEMESTRAL • GRÁTIS
REVISTA ONLINE

REGISTO NA ERC N.º 126 675
ISSN N.º 2183-5055

WWW.INSOMNIAMAGAZINE.COM

INSOMNIA MAGAZINE © É UMA MARCA REGISTADA NO INSTITUTO NACIONAL DE PROPRIEDADE INDUSTRIAL.
INTERDITA A REPRODUÇÃO, MESMO PARCIAL, DE TEXTOS, FOTOGRAFIAS OU ILUSTRAÇÕES SOB QUAISQUER MEIOS, E PARA QUAISQUER FINS, INCLUSIVE COMERCIAIS.
NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELO CONTEÚDO DOS ANÚNCIOS NEM PELA EXATIDÃO DAS CARACTERÍSTICAS E PROPRIEDADES DOS PRODUTOS E/OU BENS ANUNCIADOS.
A RESPETIVA VERACIDADE E CONFORMIDADE COM A REALIDADE, SÃO DA EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DOS ANUNCIANTES E AGÊNCIAS OU EMPRESAS PUBLICITÁRIAS.

insomnia

MAGAZINE



/INSOMNIA MAGAZINE ONLINE

@INSOMNIA MGZINE

@INSOMNIA _MAGAZINE

ilustração
MATU SANTAMARIA

ela não dorme



Depois do Urso de Ouro no Festival de Berlim, a realizadora Leonor Teles, agora com 26 anos, continua a somar triunfos no mundo do cinema com “Terra Franca”, a sua primeira longa-metragem.



Foto: Amador Lorenzo

Leonor Teles
APLAUSO DE PÉ

Aos 23 anos, Leonor Teles despedaçou preconceitos e tornou-se a realizadora mais jovem a vencer o Urso de Ouro em Berlim.

POR ANDRÉ VIDIGAL

Ao vermos "Balada de um Batráquio", a curta vencedora do Urso de Ouro do Festival de Berlim em 2016, não podemos deixar de sentir que o som dos sapos de louça a serem estilhaçados no chão bate certo com a irreverência da realizadora portuguesa, Leonor Teles. É que a expressão "partir a louça toda", lhe assenta particularmente bem, visto a sua curta-metragem ter sido um sucesso e simultaneamente retratar os sapos decorativos que se encontram à porta de vários estabelecimentos por esse Portugal fora, como forma de afugentar a comunidade cigana e que, ela própria, no seu filme, rouba e parte em pedaços. (E o ato rebelde de partir o objeto de simbolismo xenófobo pela própria eleva assim o seu filme a algo muito mais ousado e ambicioso).
Leonor Teles, licenciada em Cinema na Escola Superior de Teatro e Cinema, conseguiu ser a mais jovem vencedora do cobiçado Urso de Ouro (aos 23 anos). Estreou-se com "Rhoma Acans", uma curta documental, que embora diferente na forma e no conteúdo, envolvia também a comunidade cigana a que pertence, pelo lado do pai. Seguiu-se a balada já referida e, estreia-se agora, com a primeira longa-metragem documental "Terra Franca", sobre a vida de pescador do Tejo ao longo das quatro estações. Leonor afirma que quer continuar a trabalhar e a aprender em filmes de outros, não se classificando como realizadora, pois assume com naturalidade e sem pretensão outros papéis, como o de diretora de fotografia. Aliás, catalogá-la a si ou ao seu trabalho seria no mínimo limitativo, não encaixando de todo com a sua energia e criatividade. E curioso ainda é o próprio nome de Leonor Teles, que remete para a antiga Rainha de Portugal de cognome 'a Aleivosa'. De aleivosa ou traidora a realizadora nada tem. Pelo contrário, mostra-se bem fiel às suas ideias, raízes e à sua natureza. ●



SOMOS TODOS #MeToo

Os Prémios Pulitzer premiaram as peças jornalísticas que lançaram o movimento anti-assédio sexual.

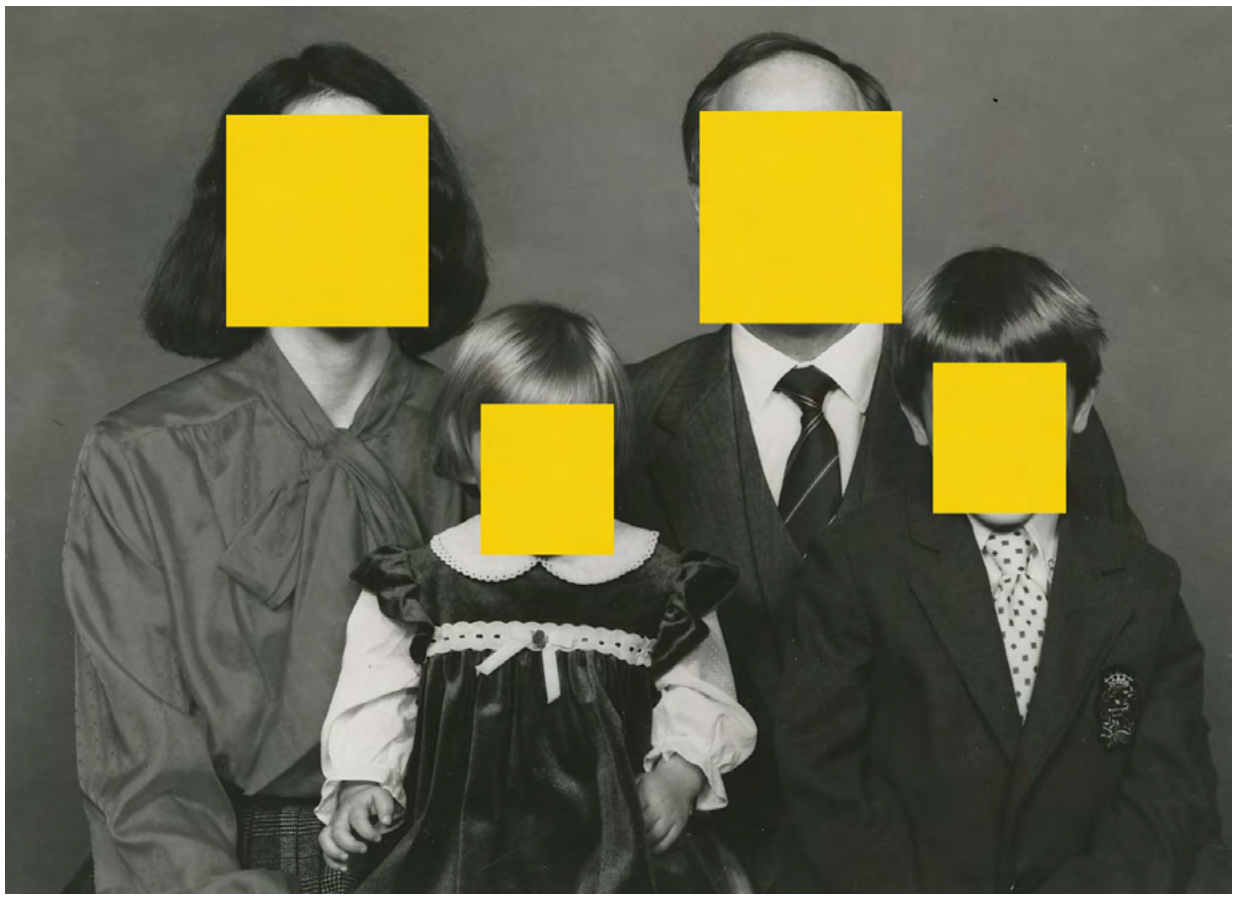
POR JOANA CLARA

Considerados os mais importantes galardões do jornalismo norte-americano, os Prémios Pulitzer adquiriram uma maior projeção na sua última edição, no passado mês de abril, na Universidade de Columbia. A razão? As distinções atribuídas às reportagens das icónicas publicações noticiosas New York Times e The New Yorker sobre o caso Weinstein.

O escândalo sexual que envolveu o produtor Harvey Weinstein e um rol infindável de atrizes de Hollywood foi alvo de um profundo estudo jornalístico, que colocou a descoberto os casos de assédio escondidos há vários anos. O impacto das peças, que receberam o título-mor na categoria 'Public Service', tiveram um impacto tão transcendente, que a partir do seu anúncio público e mundial muitas foram as confissões feitas por homens e mulheres nas mais diversas áreas, do entretenimento ao desporto, passando ainda pela música. O inspirador movimento recebeu o nome de #MeToo e espalhou-se como um vírus de positivismo, assim como de coragem, para quem pensava ter perdido a esperança de assistir à emergência da verdade. Os crimes cometidos pelo ator Kevin Spacey, pelo ex-médico da seleção norte-americana de ginástica Larry Nassar e pelo maestro James Levine não passaram impunes neste escrutínio ansiado em silêncio.

Premiado também foi o *rapper* Kendrick Lamar, na categoria de música, que acabou por se tornar no primeiro vencedor fora da música clássica ou do *jazz* a conquistar este troféu. Segundo as palavras do júri, o critério para a sua seleção passou pela "complexidade da vida das comunidades afroamericana nos EUA" em foco no seu último álbum, lançado no ano passado e intitulado "Damn". O criativo, que fez nascer os intensos álbuns 'good kid, m.A.A.d city' e 'To Pimp a Butterfly', já levou para casa cinco galardões nos Globos de Ouro, sendo já referido no panorama das artes como a voz de uma geração que se quer emancipada. Graças à sua persistência e às suas poderosas rimas, o *hip-hop* tem chegado a um público cada vez mais abrangente e despertado consciências. Viva a revolução!

Foto: Shamia Casiano



MORTE, VIDA E OUTROS INTERLÚDIOS

Edgar Martins premiado nos Sony Photography Awards.

No passado mês de abril, na 11.ª edição de um dos mais conceituados prémios de fotografia internacional, os Sony World Photography Awards, foi atribuído o primeiro lugar do pódio ao português Edgar Martins, na categoria "Natureza Morta", em homenagem à sua coletânea de registos fotográficos "Silóquios e Solilóquios sobre a Morte, a Vida e outros Interlúdios".
"Esta série explora a tensão entre a revelação e a ocultação, questionando, entre outras coisas, as implicações éticas de representar e divulgar material sensível desta natureza", partilhou o criativo, cujo tema de pesquisa para este projeto imagético, em parceria com o Instituto de Medicina Legal e Ciências Forenses, em Portugal, assentou em provas forenses, notas de suicídio e demais objetos utilizados em crimes.



Maria Miguel na YSL

Abrir o desfile de Yves Saint Laurent, na semana de Moda de Paris, é o sonho de qualquer jovem modelo. Até 2017, a nenhuma portuguesa tinha sido concedido o privilégio de inaugurar a coreografia de padrões na *passerelle* da casa francesa; mas Maria Miguel, bracarense de apenas 17 anos, foi a escolhida em setembro do ano passado, vindo a repetir o feito meses depois. Hoje em dia, esta que é uma das maiores promessas do mundo da moda integra a lista de nomes exclusivos da revolucionária YSL.
Em março vestiu o papel de uma das protagonistas da campanha mundial de verão de Saint Laurent, assinada por Alastair McKimm e Anthony Vaccarello, deixando-se fotografar ao lado de estrelas de peso como Anja Rubik, Hiandra Martinez, Raquel Zimmermann e Cara Taylor.

© Edgar Martins. © Yves Saint Laurent. © Casa Santos Lima

BACO EM FESTA LUSA

Há tinto nacional na lista de melhores vinhos do mundo de 2017.

Baco, o deus romano do vinho, ficaria imensamente satisfeito com esta distinção para terras lusas. O jornal Washington Post elegeu os 12 melhores vinhos do ano e atribuiu ao vinho tinto de assinatura Confidencial Reserva 2013, da Casa Santos Lima, o 3.º lugar do requintado *ranking* do jornalista gastronómico Dave McIntyre, que recomenda os vinhos que valem realmente a qualidade, assim como o preço que os define.
O néctar em questão, que custa apenas 4.50 euros por garrafa, é apreciado pela sua elegância e suculência, que é potenciada pelo sabor a compota de cereja e ameixa seca.
Em novembro passado, outro tinto da Casa Santos Lima, o Colossal Reserva 2015 (6.49 euros), feito a partir das castas Syrah, Touriga Nacional, Alicante Bouschet e Tinta Roriz, foi um de quatro rótulos nacionais a fazer-se anunciar no *top* 100 da Wine Spectator.
Além disso, a referida marca encontra-se atualmente na segunda posição do prestigiado *ranking* da World Association of Writers and Journalists of Wines and Spirts, que dá a conhecer os 100 produtores mais premiados no mundo anualmente.



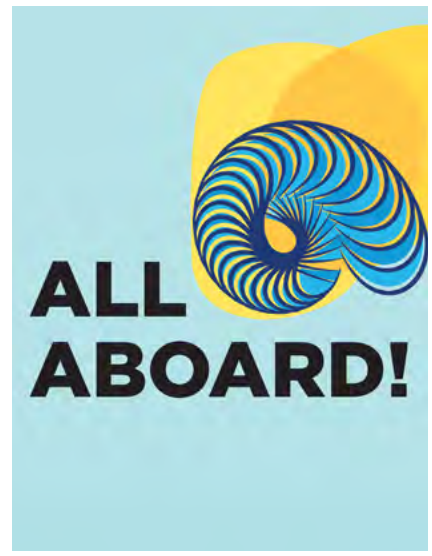


HIPÓTESE SIRULIANA

Terá havido uma civilização anterior à humana na Terra? Não sabemos, mas está na altura de reduzir a nossa pegada ecológica.

Um recente artigo, publicado no International Journal of Astrobiology, coloca uma questão intrigante. Adam Frank, professor de Astronomia e de Física da Universidade de Rochester, e Gavin Schmidt, climatólogo e diretor do Instituto Goddard da NASA para os Estudos Espaciais, questionam-se acerca da possibilidade de poderem ter existido no nosso planeta outras civilizações anteriormente ao que entendemos como sendo a definição de Humanidade. Esta é a chamada "Hipótese Siluriana", segundo Adam Frank, numa pertinente referência ao "velho episódio do Doctor Who com répteis inteligentes".

As provas da sua existência? Ainda nenhumas. Na realidade, o real objetivo do artigo parece ser o de lançar uma questão nova e algo controversa, com vista ao estudo das mudanças climáticas. No referido estudo, os cientistas assinalam vários períodos da História nos quais o clima passou por uma mudança repentina e avassaladora, e alertam que se continuarmos nesta trajetória destrutiva do planeta poderemos estar destinados à extinção.



EUROVISÃO
Lisboa 2018

"Eu já prometi que um dia mudo e tento ser maior", entoa Cláudia Pascoal em "O Jardim", música *indie pop* composta por Isaura Santos e escolhida para representar o nosso país na 63.ª edição do Festival Eurovisão da Canção. Depois da vitória de Salvador (e Luísa) Sobral, em Kiev, na Ucrânia, com a inesquecível letra e melodia clássica de "Amar Pelos Dois", Portugal tornou-se solo anfitrião e a Altice Arena, no Parque das Nações, palco de um dos eventos mais aguardados do ano.

Quarenta e três países competiram, este ano, pelo lugar do pódio, sendo a pontuação decidida por televoto e por um júri nacional de cada país. Com apresentação de Daniela Ruah, Sílvia Alberto, Catarina Furtado e Filomena Cautela, a cerimónia desenrolou-se numa viagem por destinos europeus, com Portugal, que recebeu o festim, e os *Big 5* (Alemanha, Reino Unido, França, Espanha e Itália) automaticamente apurados para a grande final.

Foi, sem surpresas, para Israel o troféu de vencedor, com a peculiar (e algo bizarra) interpretação de Netta em "Toy". "O Jardim" de Cláudia Pascoal acabou por não dar flores, ficando com o último posto na final, com uns humildes 39 pontos. Acabou a festa, mas fica a memória de um evento único e marcante nas páginas da História deste nosso país, ao lado da Expo 98 e do Euro 2004.

Ilustração: Michael Osadciw

SUPER-HEROÍNA de Perezfecto



ele não dorme



Duarte Elvas, *motion designer* de 38 anos e com um currículo invejável, tem como trabalho idealizar e criar os segundos que antecedem filmes e séries.



© Sarofsky

A arte de DUARTE

Há genialidade portuguesa nos memoráveis genéricos da Marvel. Convosco: Duarte Elvas!

POR ANDRÉ VIDIGAL

Os genéricos de filmes e séries de televisão têm uma forma peculiar de se gravarem na nossa memória. Muito pela música, é verdade, mas visualmente são muitas vezes autênticas obras de arte: trabalho cuidado de tipografia, movimento, fluidez. Um filme do agente 007 de Ian Flemming, o mítico James Bond, não vive sem o seu genérico de silhuetas, sombras e formas sensuais e perigosas.

O que quase ninguém sabe é que por trás de um grande número de genéricos de *blockbusters* da Marvel está o português Duarte Elvas, *motion designer* e um dos principais artistas e criativos na empresa especializada em *title sequences* e publicidade, Sarofsky.

Sediada em Chicago, a Sarofsky pode gabar-se de ter no currículo títulos como "Guardiões da Galáxia", "Capitão América", "Ant-Man" e séries como "Shameless" e o "The Killing".

Aos 38 anos, Duarte Elvas é um nome conhecido no meio, tendo o seu percurso começado por produções nacionais, como o genérico da telenovela "Rosa Fogo" e da série "Depois do Adeus". Mas a vontade de saber mais e melhor, levaram-no a regressar aos Estados Unidos da América, onde já tinha estudado cinema na Savannah College of Art and Design. Mas não se pense que o trabalho do português largou âncora e se ficou pelos filmes da Marvel, fechado no restrito meio das produções de Hollywood. Foi ele quem esteve por trás do genérico da recentíssima curta de Filipe Melo, "Sleepless", estreada há semanas no IndieLisboa.

Da próxima vez que as letras explodirem no *écran* do cinema, ou no bonito genérico da série dramática que escolher ver ao serão, lembre-se que o cérebro e o talento que as materializou pode muito bem ter sido de Duarte Elvas, inspirado por uma caminhada pelas ruas de Chicago ou de Cascais. ●



AGENDA

Está finalmente a chegar o calor!
Deixe tudo (talvez até a roupa) e ponha o pé fora de casa. Há todo um universo recheado de oportunidades à espera de ser explorado!

POR GONÇALO PINTO JORGE

© DR



THE SIMON & GARFUNKEL STORY

MUSICAL • 24, 26 E 27 DE MAIO

O cancioneiro da mítica dupla Simon & Garfunkel é um dos mais celebrados do mundo e inclui temas eternos como "Mrs Robinson", "Wake Up Little Susie", "Bridge Over Troubled Water" ou "The Boxer". Prova do alcance dessas canções tem sido o sucesso tremendo do espectáculo The Simon & Garfunkel Story que já foi visto por mais de 250 mil pessoas, conquistando público e crítica nos palcos da Broadway ou do West End. Este é agora o musical itinerante mais visto no mundo, contando com as vozes de excepção de Sam O'Hanlon, no papel de Paul Simon, e Charles Blyth, que encarna Art Garfunkel. O espetáculo estreia em Portugal no Porto, a 24 de maio, seguindo para Lisboa a 26 e 27.

COLISEU DO PORTO – PORTO
WWW.COLISEU.PT

TEATRO TIVOLI BBVA – LISBOA
WWW.TEATROTIVOLIBBVA.PT

HELDER GUIMARÃES
PONTO DE FUGA

ESPETÁCULO DE ILUSIONISMO • 31 DE MAIO A 3 DE JUNHO

Baseado em episódios reais, a mais recente criação de Helder Guimarães resulta da reflexão e estudo sobre as práticas de ilusão que existem à margem da lei. Explorando as linhas de fronteira entre verdade e honestidade, o ser e o parecer, assim como aquilo que vemos e que queremos ver, Ponto de Fuga é uma bem-humorada visita guiada ao mundo alternativo de vigaristas, burlões e batoteiros, bons e maus malandros, cuja inteligência das artimanhas não pode ser negada. Um mundo onde realidade e ilusão andam de tal maneira entrelaçadas, que raramente sabemos onde termina uma e começa a outra, sem que seja já, tarde demais.

CASINO ESTORIL – ESTORIL
WWW.CASINO-ESTORIL.PT





SERRALVES EM FESTA

FESTIVAL DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA CONTEMPORÂNEA • 1 A 3 DE JUNHO

Com a presença de artistas nacionais e nomes oriundos de todo o mundo, o Serralves em Festa é o maior festival de expressão artística contemporânea em Portugal e um dos maiores da Europa, ponto de passagem obrigatório para dezenas de milhares de visitantes de todas as idades ao longo de 50 horas consecutivas.
Nesta 15.ª edição, a festa conta com centenas de eventos para públicos de todas as idades e gerações: música, dança, teatro, *performance* e circo contemporâneo, exposições no museu, cinema, vídeo, fotografia e inúmeros *workshops*.

FUNDAÇÃO DE SERRALVES – PORTO
WWW.SERRALVES.PT

© The Simon & Garfunkel Story. © Helder Guimarães. © Helder Guimarães. © Ezmus

NOS PRIMAVERA SOUND

FESTIVAL DE MÚSICA • 7 A 9 DE JUNHO

O NOS Primavera Sound é o homólogo português do festival que se realiza em Barcelona há 15 anos. Depois do sucesso das anteriores edições, é paragem obrigatória no panorama dos festivais de música europeus.
Nick Cave and The Bad Seeds, Lorde e A$AP Rocky são cabeças de cartaz desta 7.ª edição do festival. De 7 a 9 a de junho o Parque da Cidade vai ainda receber artistas como The War On Drugs, Arca, Father John Misty, Mogwai, Jamie XX, Fever Ray ou Tyler, The Creator.

PARQUE DA CIDADE – PORTO
WWW.NOSPRIMAVERASOUND.COM

ROCK IN RIO LISBOA

FESTIVAL DE MÚSICA • 23 A 30 DE JUNHO

O Rock in Rio vai voltar a Lisboa para a 9.ª edição do evento em Portugal. Durante uma semana cheia de emoções o Parque da Bela Vista transforma-se na cidade do *rock*. Muse, Bruno Mars, The Killers e Katy Perry são cabeças de cartaz. Pela cidade do *rock* passarão ainda Bastille, Haim, Diogo Piçarra, Demi Lovato, Anitta, Agir, The Chemical Brothers, Xutos & Pontapés e James.

PARQUE DA BELA VISTA – LISBOA
WWW.ROCKINRIOLISBOA.SAPO.PT





FESTIVAL DE TEATRO DE ALMADA

FESTIVAL DE TEATRO • 4 A 18 DE JULHO

Este é o festival de teatro mais prestigiado do país e esperamos que venha a ter em 2018 a sua 35.ª edição. A susbtancial diminuição do financiamento do evento, segundo a Companhia de Teatro de Almada, colocou em risco a edição deste ano. Ainda não é certo se o festival se vai realizar, não havendo cartaz confirmado, mas a qualidade das edições anteriores permite-nos assinalá-lo como um dos eventos incontornáveis do ano. São dezenas de espectáculos que sobem a palco mostrando o que de mais novo se faz no panorama nacional e internacional. Além dos espetáculos no palco, contempla exposições, debates e conferências.

VÁRIOS ESPAÇOS – ALMADA E LISBOA
WWW.CTALMADA.PT

© NOS Primavera Sound. © Atlantic Records. © Compagnie Olivier Dubois



EDP COOL JAZZ

FESTIVAL DE MÚSICA •
11 A 31 DE JULHO

O EDP Cool Jazz Fest Cool Energy volta para mais uma edição e promete marcar a diferença nas noites quentes de verão. Um festival inovador que aposta na fusão de sonoridades, passando pelo *jazz*, *soul*, *blues* e *funk*.
Esta edição contará com concertos de artistas como David Byrne, Badbadnotgood, Salvador Sobral, Gregory Porter, Jasse Ware, Van Morrison, Norah Jones e muitos outros.

VÁRIOS ESPAÇOS – OEIRAS
WWW.EDPCOOLJAZZ.COM

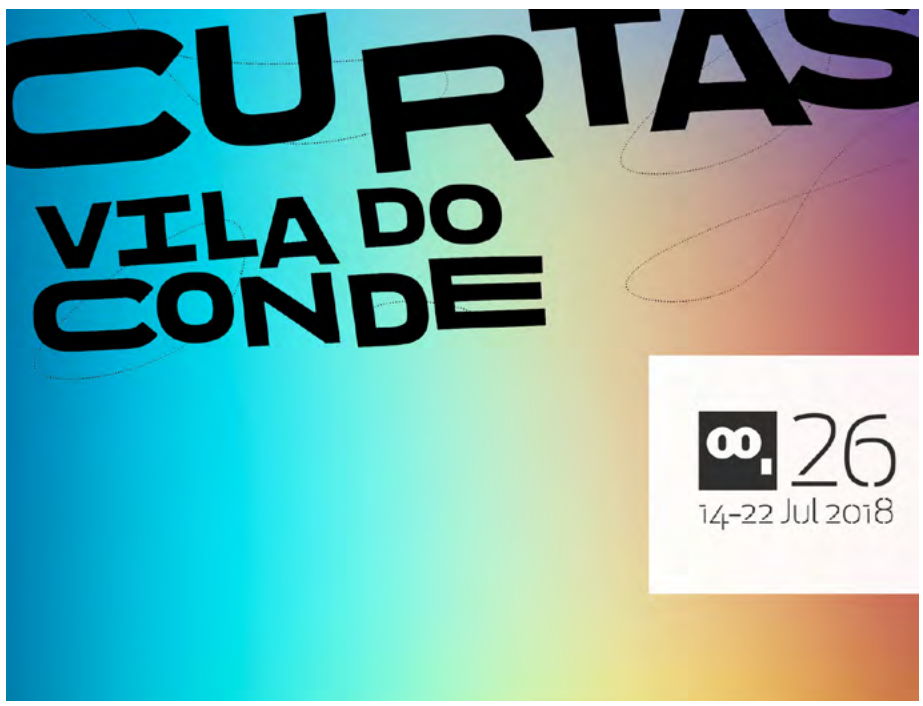
NOS ALIVE'18

FESTIVAL DE MÚSICA •
12 A 14 DE JULHO

O NOS Alive, organizado pela Everything Is New e patrocinado pela NOS, realiza-se anualmente no Passeio Marítimo de Algés, em Oeiras. Este ano o festival conta com nomes como Artic Monkeys, Pearl Jam, Queens of the Stone Age, Jack White, The National, Nine Inch Nails, entre imensos outros nomes célebres no mundo musical. Não perca! O passe de dois dias já esgotou!

PASSEIO MARÍTIMO DE ALGÉS – LISBOA
WWW.NOSALIVE.COM





CURTAS VILA DO CONDE

FESTIVAL DE CINEMA • 14 A 22 DE JULHO

Desde 1993 que o Festival Curtas Vila do Conde tem consolidado a sua posição como divulgador das tendências no cinema contemporâneo, bem como conquistando um lugar de destaque no panorama europeu dos festivais internacionais de cinema. A sua atração principal são as curtas-metragens, mas o Curtas progrediu para um festival multidisciplinar em torno das imagens em movimento. Nesta sua 26.ª edição, o festival promete mais uma vez uma programação arrojada, com uma seleção de filmes inovadores para um público cada vez mais interessado.

TEATRO MUNICIPAL DE VILA DO CONDE – VILA DO CONDE
WWW.FESTIVAL.CURTAS.PT

© EDP Cool Jazz. © Hugo Macedo. © Curtas Metragens, CRL



SUPER BOCK SUPER ROCK

FESTIVAL DE MÚSICA •
19 A 21 DE JULHO

Este festival de música já dispensa apresentações. Agora na sua 24.ª edição o SBSR é, atualmente, um dos mais importantes festivais na doce Lisboa. Nomes como Travis Scott, The XX, Justice, Benjamin Clementine, Stormzy entre outros, garantem a qualidade que sempre foi a imagem de marca deste festival. A edição deste ano contará, também, com uma noite para recordar Zé Pedro, um tributo ao maior ídolo da música portuguesa.

PARQUE DAS NAÇÕES – LISBOA
WWW.SUPERBOCKSUPERROCK.PT

ANDANÇAS

FESTIVAL DE MÚSICA E DANÇAS POPULARES • 1 A 5 DE AGOSTO

Pela segunda vez em malha urbana, o Andanças revisita formas que já teve e repensa o futuro, oferecendo novas possibilidades a todos os que lhe dão vida. Em 2017, encontrámos um Andanças independente do tempo e do espaço, um Andanças daqueles que o fazem, daqueles que o acolhem e dos que nele participam - todos os que lhe dão sentido. Encontrámos o Andanças dentro de nós, um espírito vivo que não nos deixa parar.
Este ano o festival volta a abraçar a vila, tal como aconteceu na última edição, e a vila voltará a abraçar mais um Andanças. Volta a roda viva às ruas de Castelo de Vide de 1 a 5 de agosto.

VÁRIOS ESPAÇOS – CASTELO DE VIDE
WWW.ANDANCAS.NET





MEO SUDOESTE

FESTIVAL DE MÚSICA •
7 A 11 DE AGOSTO

Chega mais uma edição do maior festival de verão da Zambujeira do Mar e esta é muito especial. O MSW celebra a sua 22.ª edição e promete cinco dias intensos com grandes nomes da música como Shawn Mendes, J Balvin, Jason Derulo, Marshmello, Lil Pump, Hardwell e muitos mais.

HERDADE DA CASA BRANCA – ZAMBUJEIRA DO MAR
WWW.SUDOESTE.MEO.PT

© Super Bock Super Rock. © Malu Teodoro. © MEO Sudoeste

101 LUGARES PARA FAZER SEXO ANTES DE MORRER

MARSHA NORMANDY
JOSEPH ST. JAMES

MARCADOR



BONS SONS

FESTIVAL DE MÚSICA PORTUGUESA • 9 A 12 DE AGOSTO

O Bons Sons é o festival de música portuguesa que ocorre na aldeia de Cem Soldos, em Tomar. Mas é mais do que um festival de música portuguesa, é uma experiência envolvente em que os habitantes da aldeia acolhem e servem os visitantes, numa partilha especial e íntima entre quem recebe e quem visita.
Nesta 9.ª edição do Bons Sons, passarão pelos vários palcos do festival numerosos projetos musicais de grande qualidade como Salvador Sobral, Linda Martini, Conan Osiris, Dead Combo, Luís Severo e Lena d'Água e muitos outros.

CEM SOLDOS – TOMAR
WWW.BONSSONS.COM

MOTELX

FESTIVAL DE CINEMA DE TERROR • 4 A 9 DE SETEMBRO

O MOTELx, agora na sua 12.ª edição, tem como objetivo estimular a produção de filmes de terror portugueses, mostrar as melhores obras de terror produzidas internacionalmente nos últimos anos e contribuir para a formação dos públicos mais jovens e para a contextualização da produção recente, através da programação de retrospetivas selecionadas. Com vista a concretizar estas metas, o fesrival concentra numa semana a exibição de filmes recentes e clássicos de vários estilos, promove a vinda de convidados internacionais e dá primazia à promoção da única seção competitiva do festival: o Prémio MOTELx – Melhor Curta de Terror Portuguesa, que impulsiona dezenas de participantes a produzir curtas-metragens de terror.

CINEMA S. JORGE – LISBOA
WWW.MOTELX.ORG





ENCONTROS MÁGICOS

FESTIVAL DE ILUSIONISMO • 18 A 23 DE SETEMBRO

Em Portugal existe desde 1992 o mais antigo dos festivais de ilusionismo e voltará a acontecer em setembro em Coimbra. As ruas, várias instituições e o Teatro Académico Gil Vicente serão o palco de mais de uma centena de espetáculos por alguns dos mais prestigiados ilusionistas da atualidade. Um evento evento imperdível.

VÁRIOS ESPAÇOS – COIMBRA
WWW.FACEBOOK.COM/ENCONTROSMAGICOS

© Carlos Manuel Martins. © Lisboa Dance Festival. © KonoPIX



QUEER LISBOA

FESTIVAL DE CINEMA QUEER • 14 A 22 DE SETEMBRO

O festival, agora na sua 22.ª edição, pretende divulgar o que de mais relevante, em termos estéticos e narrativos, se faz no panorama mundial em cinema *gay*, lésbico, bissexual, transgénero e transsexual, promovendo o maior acesso do grande público a este tipo de cinema.
O Queer Lisboa aposta na vinda a Lisboa de um conjunto de individualidades ligadas ao cinema *queer* e incentiva o pensamento teórico à volta das suas temáticas e conceitos. Além da competição há sessões especiais e ciclos temáticos dedicados a um realizador, tema ou país, retrospetivas sobre representações da homossexualidade na história do cinema, secções dedicadas a subgéneros do cinema *queer*, bem como atividades paralelas de caráter mais pedagógico.

VÁRIOS ESPAÇOS – LISBOA
WWW.QUEERLISBOA.PT

DOCLISBOA'18

FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA • 18 A 28 DE OUTUBRO

A 16.ª edição do festival de cinema documental, que chega a Lisboa em outubro, pretende questionar o presente do cinema, em diálogo com o seu passado e assumindo o cinema como um modo de liberdade. O Doclisboa tenta ser um lugar de imaginação da realidade através de novos modos de perceção, reflexão, novas formas possíveis de ação. O que se espera nesta edição são as antestreias dos melhores documentários da última temporada e uma série de programações não competitivas, incluindo a retrospetiva de um autor internacionalmente aclamado.

VÁRIOS ESPAÇOS – LISBOA
WWW.DOCLISBOA.ORG





AMADORA BD

FESTIVAL INTERNACIONAL DE BANDA DESENHADA • 26 DE OUTUBRO A 11 DE NOVEMBRO

O AmadoraBD, organizado pela Câmara Municipal da Amadora, cumpre a 29.ª edição de 26 de outubro a 11 de novembro, com exposições, lançamentos editoriais e a presença de autores portugueses e estrangeiros de banda desenhada.

FÓRUM LUÍS DE CAMÕES – AMADORA
WWW.AMADORABD.COM

© Queer Lisboa. © DocLisboa. © Nuno Saraiva

para ler
opinião



CHINA - SÉCULO XX

O que deve a China fazer para se tornar verdadeiramente democrática e equitativa? Wang Hui, um dos mais destacados intelectuais chineses, responde.

POR LUÍS SANTOS

A Bertrand Editora introduz à língua portuguesa um dos mais influentes intelectuais chineses dos últimos 30 anos. Este livro é uma porta para o pensamento chinês, e permite vislumbrar a matriz de pensamento "democrático" atual no Império do Meio.
O que será surpreendente para o leitor é que qualquer aparente semelhança com o pensamento democrático ocidental é a mais pura miragem.
Wang Hui questiona-se sobre como pode a China tornar-se verdadeiramente democrática e equitativa, mas não encontra a democracia liberal como resposta. A solução oferecida pelo autor é um modelo próprio chinês, nascido e criado no seu último século, que mais se aproxima de uma esquerda radical com tiques de maoismo. Propõe um modelo de democracia que não assenta em eleições, mas sim num corporativismo que mantem ativos centros políticos em cada aldeia, em cada bairro, onde a população pode e deve "participar". Uma democracia que surge então enquanto construção coletiva de um regime que se regenera por dentro sem cair em movimentos oscilatórios do tipo ocidental.
O livro tem seis capítulos, três dos quais são históricos, e três são filosóficos. Não é uma análise histórica do século XX chinês. Um dos períodos que é analisado de forma isolada remonta à vitória de Mao Zedong sobre o Kuomitang. Wang Hui explica-nos como o elemento tático que deu a vitória a Mao foi o foco em obter apoio e legitimidade no mundo rural chinês, em vez de se focar nos centros cosmopolitas como o seu adversário Chiang Kai-shek. Fá-lo como parte do argumento em defesa do seu modelo de "democracia", e relembra que já na altura os dois partidos que disputaram o poder só tinham uma certeza em comum: o regime político de partido único.



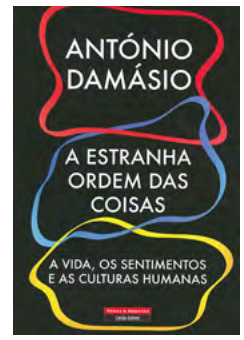
KAZUO ISHUGURO
Um Artista do Mundo Flutuante

A Gradiva acaba de publicar, em abril, mais uma bela obra do agora prémio Nobel da Literatura. Nela, Kazuo Ishuguro introduz-nos ao *gap* geracional do pós Segunda Guerra Mundial japonês. Dum lado aqueles vividos no nacionalismo radical, do outro os criados na influência ocidental. O artista é um velho pintor que se confronta com a nova realidade através das perguntas assertivas do seu puro neto de oito anos.



MICHAEL WOLFF
Fogo e Fúria

A Actual Editora lançou em fevereiro a versão lusa do livro que escrutina o primeiro ano do governo de Donald Trump. Com acesso privilegiado à corte do presidente mais controverso da história da democracia americana, Wolff oferece-nos 384 páginas de roupa suja. Não passa de um compêndio de episódios quotidianos de intempestividade presidencial e a resultante desconsideração nutrida pelo seu *staff*.



ANTÓNIO DAMÁSIO
A Estranha Ordem das Coisas

O mais recente livro do "Cristiano Ronaldo" da neurociência foi publicado em Portugal em novembro de 2017 pela Temas e Debates. Como o título indica, o livro apresenta (e defende cientificamente) a tese de que são os sentimentos, e não a inteligência humana ou a linguagem, que estão na origem do desenvolvimento cultural. A escrita não é simples mas a temática é familiar o que facilita a leitura.

© Gradiva. © Actual Editora. © Círculo de Leitores

para ouvir
opinião



AZÁFAMA: O SONHO ATÉ AGORA

Quem sonha consegue ser mais feliz. Pedro Valente correu atrás do seu sonho: uma editora, uma produtora, uma agência (e uma família) chamada Azáfama.

POR JOÃO NUNO SILVA

Nascida oficialmente em 2013, e imbuída do espírito DIY, a Azáfama era, para mim, a editora dos Trêsporcento, do Vitorino Voador, d'O Martim, dos TV Rural e de Flume. Mas assim que conheci o Pedro Valente senti logo que era muito mais que isso. A forma como ele trata as bandas é mais que uma mera atividade empresarial, há ali um espírito de família. É o que acontece a quem faz aquilo com que sempre sonhou e com a certeza de que está no caminho certo. Para isso teve amigos como o Capitão Capitão, o primeiro artista com que trabalhou, que o foi ajudando e ensinando os meandros de uma atividade que não pode ser lidada como se apenas de um negócio se tratasse.

Os primórdios da Azáfama foram marcados por dois eventos em 2013 e 2014, de seu nome Azáfama no Bairro, que incluíam todos os músicos do catálogo e que mostraram o que era uma verdadeira família. Diz-se que o primeiro foi mítico, mas, para mim, mítico foi o segundo porque pude estar lá no Teatro do Bairro e testemunhar tudo na primeira pessoa.

As voltas que o mercado musical foi dando fizeram a Azáfama mudar o foco e, embora continue a editar alguns discos, passar a fazer agenciamento, *management* e produção de eventos.

Hoje em dia o catálogo é demasiado extenso para pensar numa festa como a Azáfama no Bairro. Entraram Golden Slumbers, JP Simões, Flak (sim, o dos Rádio Macau), The Poppers, Monday, OIOAI, Vaarwell, Cachupa Psicadélica, entre ainda outros. Mas procurando manter os princípios e valores que o fizeram começar com tudo, continua a forte ligação pessoal com os músicos que é o cimento do sonho concretizado.

O meu conselho, e a melhor forma de poder testemunhar o que escrevi, é ir ver estas bandas Azáfama ao vivo. Provavelmente encontrarão o Pedro ao lado delas, a vibrar com a música, como se fosse a primeira vez que os vê. É o que acontece a quem concretiza os seus sonhos.



SEÑORITAS
As Saudades Que Eu Não Tenho

Neste segundo disco conseguiram superar-se. É arrebatador, com 'tomates', cheio de novas sonoridades e subtilezas apaixonantes. Além do baixo da Sandra, da guitarra, das caixas de ritmos e da sempre quente voz da Mitó, temos cordas, acordeão e, mais uma vez, belíssimas letras. Andando por diversos caminhos, continua a ser um disco de Señoritas.

Acima de tudo, é um álbum para ir saboreando. Para ouvir do princípio ao fim e sentir. Para nos deixarmos envolver e invadir por aquilo que elas nos vão dizendo.



SUAVE
Português Suave

Carlos Ramos (ou Nick Nicotine ou Nick Suave) quis fazer um disco dedicado o amor da sua vida. Foi para ela que escreveu "Coração de Amante", o tema que abre o disco e que me fez pensar: "Este gajo deve estar a gozar. Como é que alguém, com uma carreira a cantar em inglês, dedicada ao *rock*, se sai com um disco assim?". Continuei a ouvir e a gostar cada vez mais. Afinal tinha à mesma muito rock e muito *soul*. É um disco sincero e genuíno, sem grande interesse comercial, mas que seguramente o vai levar a públicos com que ele nunca sonhou. Deixe-se apaixonar pelo "Português Suave".



WIPEOUT BEAT
Small Cities Big Thoughts

Carlos Dias, Miguel Padilha e Pedro Antunes são amigos de longa data, que somam dezenas de anos de música, com um pendor particular de *rock*. Cruzaram as suas grandes ideias com teclados antigos e, de repente, tocando instrumentos que nunca tinham tocado, fazem um disco cheio de electrónica e um *swing* refrescante que consegue soar a novo.

São ao todo nove temas que nos levam a passear entre o passado e o futuro de uma penada só. Oiça-os e deixe-se levar por (boa) música simples para gente descomplicada.

Foto: João Nuno Silva. © DR

OCEAN'S 8

Sandra Bullock, na pele de Debbie, a irmã de Danny Ocean, é o cérebro por trás do assalto impossível à MET gala em Nova Iorque. Beleza, glamour, *ação e uma (ou as duas) mãos cheias de surpresas são o que se espera neste* heist film *no feminino.*

POR SOFIA SANTOS



© Warner Bros. Entertainment.

O *spin-off* da trilogia Ocean´s de Steven Soderbergh, chegará aos cinemas nacionais em junho. Escrito e realizado por Gary Ross (Pleasantville, The Hunger Games, Free State of Jones), tem inevitavelmente como inspiração o filme Ocean's 11 de 1960, realizado por Lewis Milestone com cinco dos famosos Rat Pack: Peter Lawford, Frank Sinatra, Dean Martin, Sammy Davis Jr. e Joey Bishop e as suas aventuras no mundo do furto. Na produção deste novo projeto estão, entre outros, Steven Soderbergh e George Clooney.

Ocean's 8 é constituído por um elenco maioritariamente feminino sendo a protagonista Sandra Bullock. A atriz encarna a personagem de Debbie Ocean (irmã de Danny Ocean, interpretado por George Clooney), que durante o tempo em que esteve presa criou um plano de vingança e roubo: o assalto "do século" na cidade de Nova Iorque, durante o baile de gala anual do MET (The Metropolitan Museum of Art), que estará repleto de riqueza e celebridades.

A primeira missão será a de reunir uma equipa perfeita: Lou (Cate Blanchett), Nine Ball (Rihanna), Amita (Mindy Kaling), Constance (Awkwafina), Rose (Helena Bonham Carter), Daphne Kluger (Anne Hathaway) e Tammy (Sarah Paulson). Richard Armitage será Claude Becker, o vilão principal do filme, um ex-amante da personagem de Bullock. Matt Damon, James Corden, Dakota Fanning, Jaime King e Olivia Munn também fazem parte deste elenco absolutamente estelar.

Uma coisa é certa, luxo, arte, moda e humor não vão faltar neste filme.



Em Ocean's 8 Sandra Bullock ocupa o papel principal, mas no elenco encontramos muitas outras caras bem conhecidas como Rihanna que interpreta o génio da tecnologia Nine Ball.

tv
opinião



The HANDMAID'S TALE

Submissão e revolta marcam a segunda temporada desta série distópica de Bruce Miller.

POR SOFIA SANTOS

The Handmaid's Tale é série criada por Bruce Miller para o serviço de *streaming* Hulu e baseada no romance homónimo de Margaret Atwood. De forma resumida, a série enquadra-se numa época após um atentado terrorista que termina com a morte do Presidente dos Estados Unidos e de grande parte da classe política eleita. Depois destes eventos, uma fação católica extremista toma o poder com o intuito declarado de restaurar a paz, instalar a ordem e povoar o país. Os EUA passam a ser a República de Gilead, um regime totalitário baseado nas leis do Antigo Testamento. Com exceção das mulheres dos membros do novo governo, todas as minorias, mas sobretudo as mulheres, são remetidas ao último patamar do estrato social. Entre estas mulheres está Offred (Elisabeth Moss) uma *handmaid*, ou seja, uma mulher cujo único objetivo de vida é o de procriar para manter aceitáveis os níveis demográficos da população. Offred é entregue à casa do Comandante Fred Waterford (Joseph Fiennes), um oficial de alto escalão do regime, como escrava sexual / útero, mas esta relação acaba por destoar dos rumos planeados e aceites pelo sistema vigente.
A série vencedora de oito Emmy's regressa (a 25 de abril, nos EUA) para a segunda temporada que terá como ponto central a gravidez de Offred e a sua luta para sobreviver aos horrores distópicos da República de Gilead.

gaming
opinião

GOD OF WAR

Um velho novo Deus da guerra!

POR FILIPE MAGALHÃES

Sendo cronologicamente o 8.º jogo na franquia, o novo God of War é simultaneamente uma sequela e uma re-imaginação. Para além de trocar as suas tradicionais lâminas do caos por um machado (que tal como o martelo de Thor, regressa sempre à sua mão depois de atirado), Kratos adopta também uma personalidade mais parental ao treinar o seu jovem filho Atreas. E felizmente o enredo muda da mitologia grega para a nórdica, porque já estava "farto" de derrotar os Deuses do Olimpo. Introduzindo elementos de RPG, uma nova jogabilidade dinâmica, um mundo deslumbrante que merece ser explorado numa PS4 Pro e TV 4K HDR, e apresentando uma história tocante que nos mostra não só o que significa ser uma entidade toda-poderosa – aniquilando violentamente monstros míticos em combates viscerais e explorando os limites da possibilidade dos comuns mortais em reinos fantásticos – mas também o que significa ser um homem e um pai, este exclusivo da Sony é a lufada de ar fresco que a série precisava, pegando no melhor que a as entregas anteriores ofereciam e acrescentando-lhe algo que escasseavam: coração! Não, não é o Kratos de que me lembrava, mas é isso que faz com que funcione tão bem!



© Hulu. © Santa Monica Studio.

MAPA

BRANDS

Viaje connosco no mundo dos brindes!



Somos uma equipa especializada que
oferece as melhores soluções ao melhor preço.

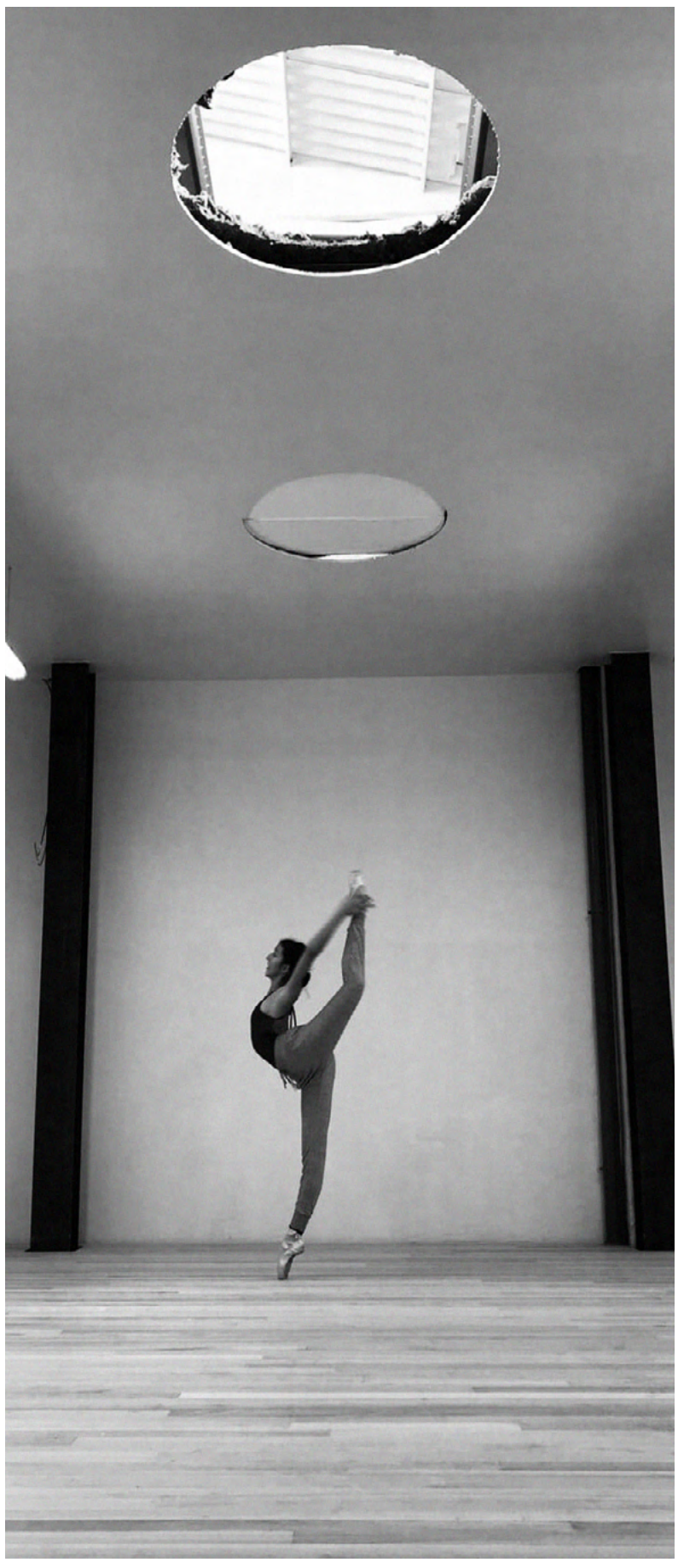
Personalize as suas ofertas para os seus clientes e colaboradores!

www.mapabrands.com • info@mapabrands.com • 211 349 291

PALLCO: UM ALTAR DO UNIVERSO

'Pallco' abre portas, janelas, pavimentos e telhados à criação de movimentos artísticos e de eventos culturais de relevância na cidade do Porto.

POR JOANA CLARA



O corpo, quando é teatralizado, emerge como uma ferramenta realista de expressão artística e como uma questão preponderante no que às revoluções sociais e individuais diz respeito. É o centro do seu próprio palco, envolvido pela cacofonia dos aplausos e pela profundidade dos arrepiantes silêncios; um ponto irradiador de mensagens enigmáticas, mascaradas apenas aos olhos dos que se deixam encandear pela intensidade dos holofotes.

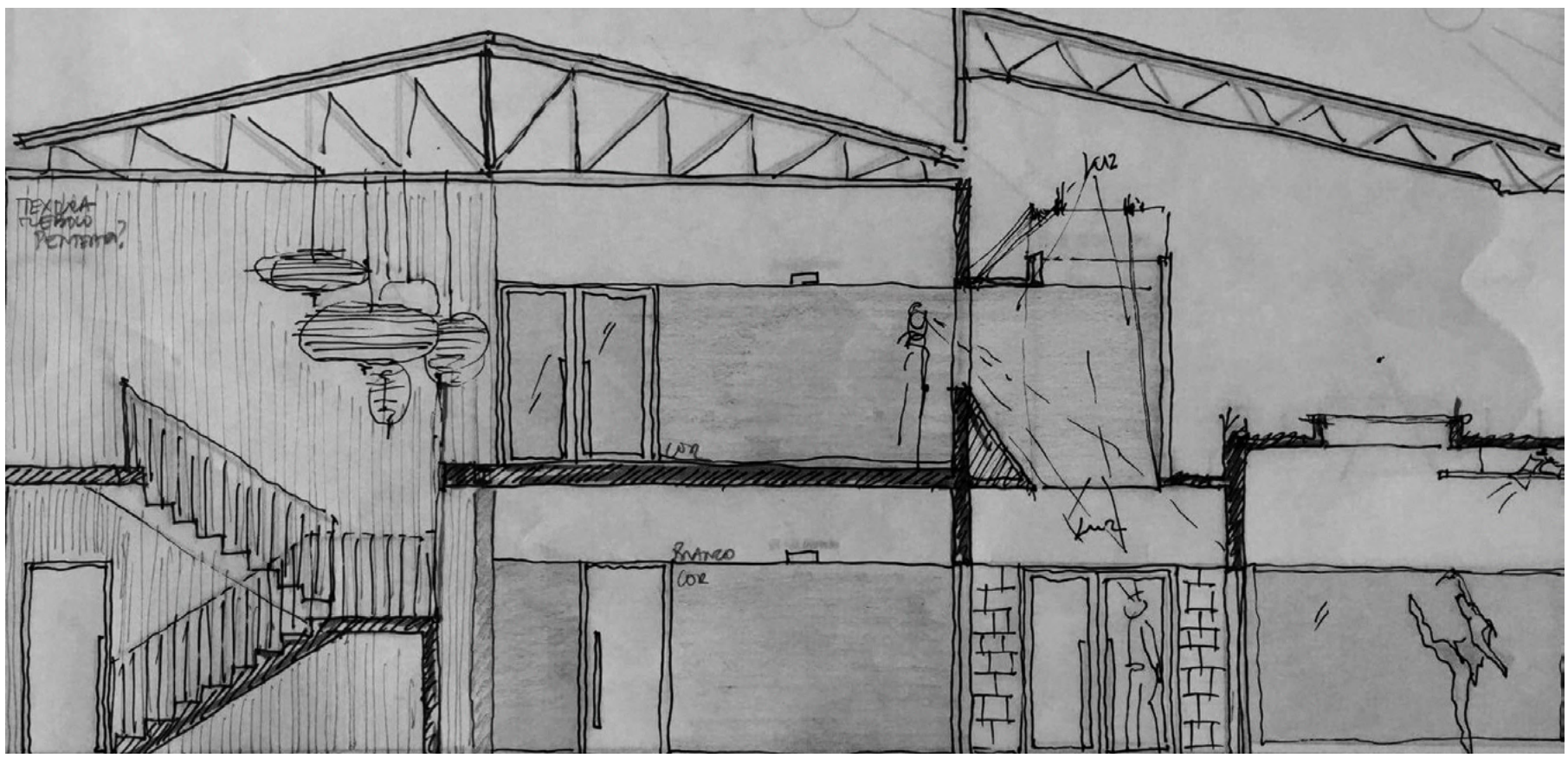
Para dar forma às aspirações dos criativos, a resiliência de Sofia Marques dos Santos, fundadora da *Oporto Ballet School* – Espaço Dança, potenciou a construção de um espaço com 2.400 metros quadrados e um investimento de mais de um milhão e 700 mil euros. O 'Pallco - *Performing Arts School & Conservatory*', o primeiro conservatório de dança e música do Porto, foi inaugurado no passado dia 19 de abril, na presença do presidente da Câmara da cidade, Rui Moreira, fazendo anunciar a sua vontade de fazer diferente.

Localizado no número 516 da Travessa da Prelada, o espaço, com autonomia pedagógica, mas sob tutela do Ministério da Educação, veio preencher um vazio existente no norte do país: a ausência de um ensino artístico oficial em dança e música.

Com a premissa de fascinar alunos estrangeiros, assim como de trazer para terras lusitanas mais eventos internacionais, o novo centro cultural do Porto ramifica-se por dois pisos, encontrando pousio em dois amplos estúdios de dança e de música, um auditório com 200 lugares, salas polivalentes e um jardim exterior privado com mil metros quadrados. Mais grandioso do que uma escola de artes, o 'Pallco' irá disponibilizar um rol de serviços adicionais, como formações em fisioterapia, *mind coach*, nutrição e podologia. As medicinas alternativas e as atividades dedicadas à criação de bem-estar não foram esquecidas, havendo, por isso, dinâmicas nas áreas do *pilates*, *yoga*, *body & mind*. Já para quem prefere abanar o esqueleto e oferecer ainda mais vitalidade ao espírito, Sofia quis reunir também profissionais de excelência no âmbito da ginástica, treino funcional, *ballet*, dança contemporânea e danças de salão.

Neste momento, o espaço alberga 150 alunos de *ballet* da referida *Oporto Ballet School* e aguarda a transição dos atuais alunos das escolas de ensino regular e de artes performativas. O futuro do 'Pallco' augura-se promissor e paira no ar uma promessa de dilatação das suas quatro paredes, porque o talento não se mede aos palmos nem pode ser encaixotado. Precisa de extrapolar muros, saltar barreiras e chegar à meta da liberdade.





© Teatro Musical por João Figueiredo

ECLIPSES MUNDIAIS

A cada Campeonato do Mundo de futebol é habitual lamentarmos a ausência de grandes seleções, como acontece este ano na Rússia, com Itália, Holanda ou Chile a falharem a qualificação. Mas mais incrível do que estes casos pontuais é a quantidade de grandes estrelas que nunca pisou o maior palco do mundo do futebol, onde os heróis se tornam lendas.

POR HUGO VINAGRE

Indisciplina, lesões, ou ter nascido na altura errada, no local errado. Estas são algumas razões que levam a que uma prova que só se disputa uma vez a cada quatro anos possa passar ao lado de algumas carreiras fabulosas, apesar de o último destes motivos estar em vias de ficar resolvido de vez: a partir do Mundial de 2026 serão 48 as seleções presentes, num formato que se foi adaptando ao nascimento de novos países, como nos casos da dissolução da União Soviética e Jugoslávia, e contará então com um número de equipas presentes brutalmente superior às 13 com que se iniciou em 1930. A primeira grande expansão tinha-se dado apenas em 1982, quando foi alargado para 24 seleções, nesse Mundial disputado em Espanha.

Algumas dessas ausências de grandes jogadores que pertenciam a fracas seleções começam logo por o Reino Unido não se apresentar com apenas uma equipa nas provas da FIFA. Mesmo no Jogos Olímpicos, em que compete com a designação de Grã-Bretanha, com atletas nascidos em Inglaterra, Escócia, País de Gales ou Irlanda do Norte, no futebol isso deixou de acontecer em 1960, apesar do sucesso, com três medalhas de Ouro alcançadas até então. Voltaria a repetir-se apenas em 2012, caso excecional por se tratar da equipa anfitriã e querer competir em todas as provas, o que gerou grande polémica entre as todas as federações de terras de Sua Majestade.

Seria esse o maior palco onde Ryan Giggs se veria como parte de uma seleção nacional, pois apesar do seu palmarés impressionante, um dos maiores de sempre, ao serviço do Manchester United, o galês nunca teve mais que um ou dois colegas de grande nível que o ajudassem a estar num Mundial. Um deles era Ian Rush, lendário avançado do Liverpool, por quem se tornou duas vezes campeão europeu, que também não conseguiu ajudar a que o País de Gales voltasse à prova onde apenas esteve uma vez, em 1958. Melhor sorte poderá ter Gareth Bale, que já conseguiu o feito de os levar a estrear-se num Europeu. Mas com 28 anos, a janela também para si começa a estar cada vez mais fechada, e essa ampliação de países presentes daqui a oito anos será provavelmente tarde demais, pelo que terá de dar tudo para chegar ao Qatar, em 2022.

Outro mágico dos relvados ingleses, mas que nasceu um pouco ao lado, foi o génio George Best. Defendia as cores da Irlanda do Norte, onde o talento contrastava radicalmente com o dos seus colegas no Manchester United e, durante a sua carreira, a seleção norte-irlandesa apenas chegou por uma vez ao Mundial, em 1982. Após onze épocas em Manchester, nesta fase já Best andava a mudar frequentemente de clube, com várias experiências nos Estados Unidos, onde pela primeira vez se tentava implementar a sério o nosso futebol. O selecionador ainda o chegou a ir ver, mas, segundo Best, a equipa americana na qual jogava era terrível, o que poderia justificar que não fosse convocado, apesar de fisicamente se sentir em forma, aos 36 anos. Considerado frequentemente um dos melhores que pisaram um relvado, tem hoje um aeroporto com o seu nome em Belfast, numa homenagem póstuma.

Ainda entre as seleções europeias fraquinhas, destaques para Jari Litmanen, que encantou no Ajax, por quem venceu a Champions League, e só não teve uma carreira ainda mais brilhante a nível de clubes porque lesões sabotaram as suas passagens por Barcelona e Liverpool.

Já por França ficaram de fora nomes como David Ginola, que com um mau passe contribuiu para um contra-ataque da Bulgária e a ausência dos gauleses do Mundial ’94, sendo posto de lado a partir desse momento; Nicolas Anelka, que apesar de ter feito uma carreira interessante a nível de clubes, provada pelas elevadas transferências de que foi sendo protagonista, nunca entusiasmou os selecionadores da sua terra natal; e outro Deus do Manchester United, Éric Cantona, homem de temperamento complicado que chegou a insultar publicamente um selecionador que o deixou fora de uma convocatória. Tinha frequentemente longas ausências da seleção, que poderão ter contribuído para que falhassem a qualificação em 1990 e 94. Já em 1998, foi o pontapé num



Alfredo Di Stéfano, que nunca pisou um relvado no Campeonato do Mundo, celebrando um golo na Liga dos Campeões em abril de 1958.

Foto: Agustín Vega

adepto do Crystal Palace que o fez perder o comboio do grupo que se tornaria campeão do Mundo.

Um desentendimento também terá levado a que Bernd Schuster nunca chegasse a jogar num Mundial, retirando-se do futebol a nível de seleções com apenas 24 anos, após já ter sido campeão europeu. Schuster sempre alegou que tudo se deveu a não ter estado numa festa após um jogo amigável, a que o seu clube, o Barcelona, nem o queria deixar ir. Isso levou a um desentendimento com o selecionador, colegas de equipa e a própria federação, a que se seguiu a sua ausência de um jogo para estar presente no nascimento do segundo filho. Tudo isto fez com que as coisas nunca ficassem bem resolvidas e ele se dedicasse em exclusivo aos clubes, passando do Barça para o Real Madrid, de onde ainda seguiu para o Atlético, uma carreira em tudo inusitada, onde mesmo assim brilhou a alto nível.

Mas há mais a destacar fora do Velho Continente: em África, não é possível passar ao lado de George Weah, que chegou a ser eleito como melhor do Mundo, mas nunca conseguiu levar a sua Libéria ao Mundial, ficando-se por encantar os adeptos do Milan, PSG ou Mónaco, para onde Arsène Wenger o trouxe em 1988. Também de África para França viajou Abedi Pelé, que conseguiu o feito de conseguir a primeira competição europeia para um clube francês, o Marselha, mas nunca levou o Gana a brilhar perante o Mundo. Já Kazu Miura, que começou a carreira no Santos e foi o primeiro japonês a jogar em Itália, está entre os mais injustiçados de sempre. Marcou 14 golos para ajudar o país a ir pela primeira vez a um Mundial, em 1998, mas não o levaram a França e até hoje não se sabe bem porquê. Ainda joga profissionalmente, aos 51 anos.

Carreiras curtas, por motivos trágicos, também fazem parte desta história. Mais propriamente a queda de dois aviões, que levaram ao falecimento de 18 jogadores do Torino e de 21 do Manchester United, em 1949 e 1958. Nos italianos destacava-se Valentino Mazzola, craque que começou por estar longe dos Mundiais simplesmente porque não se disputaram durante doze anos, por força da II Guerra Mundial, o que afastou da prova grandes jogadores da época, como Peyroteo. Em 1950, quando o Mundial regressa, o vencedor de cinco campeonatos italianos consecutivos já tinha falecido. Já na equipa dos bebés de Matt Busby terá sido Duncan Edwards a passar ao lado de uma carreira genial. Quando se estreou na seleção, em 1955, tornou-se o mais jovem internacional inglês de sempre, recorde que se manteve até 1998, e jogou em todos os jogos de qualificação para o Campeonato do Mundo de ‘58, mas viria a perder a vida no acidente de Munique, em fevereiro desse ano.

Mas o melhor entre todos os que nunca jogaram um Mundial terá sido Alfredo Di Stéfano. Frequentemente colocado num patamar semelhante a Pelé, Maradona ou Cruyff, o maior símbolo do passado do Real Madrid, por quem foi cinco vezes campeão europeu, vestiu as camisolas da seleção argentina, colombiana e espanhola, mas mesmo assim o destino esteve sempre contra ele. A Argentina, seu país de nascimento, não quis participar no Mundial brasileiro de 1950 e em 1954 era ele que não podia participar, pois queria fazê-lo pela Colômbia, numa das confusões que aconteciam antigamente com alguma frequência. Depois naturaliza-se espanhol, mas falham a qualificação para o Mundial de ’58 e quando finalmente vai ao de 1962, já com 36 anos, não chega a levantar-se do banco de suplentes devido a uma lesão. Curiosamente, o mesmo aconteceu com a lenda do Barcelona Laszlo Kubala, que foi checo, húngaro e mais tarde espanhol, só para estar envolvido nos falhanços das qualificações para 1954 e 58, retirando-se da seleção em 1961, sem disputar qualquer Mundial.

Apesar do mediatismo de provas como a Liga dos Campeões, nenhuma é única e especial como um Mundial, o que se percebe aqui, nas palavras de George Best, que apesar de ter vivido como estrela do *rock*, ficou com esta desilusão para sempre: “Não teria esperado jogar todos os jogos, mas desejava que me tivesse levado como membro da equipa e me metesse lá dentro só por quinze minutos, apenas para poder ter jogado no Campeonato do Mundo”.

LISTA DAS COMPRAS

Os dias começam finalmente a ficar maiores e as roupas menores. Mas lá porque vamos passar mais tempo ao ar livre, nada nos impede de o fazer com estilo!

POR FILIPE MAGALHÃES

KARLMANN KING

Uma ideia comum entre amantes de carros é que todos os SUV são parecidos. Mas no que diz respeito à edição muito limitada do Karlmman King, nada podia estar mais longe da verdade. Baseado no Ford F-550, com motor V10 de 6.8 litros e 398 cv – o que seria impressionante se não tivesse que carregar com até 6000 kg de carroçaria, dependendo se foi construído à prova de bala ou não – o mais caro SUV do mundo não passa dos 140 km/h. Mas o que é que isso interessa quando se conduz basicamente um tanque de luxo à imagem do *batmobile*?
WWW.KARLMANNKING.COM



© Karlmann King



LAMBORGHINI URUS

Passamos do mais caro SUV para um dos mais rápidos. Com o segundo utilitário da sua história (depois do LM002 nos anos 80, que recebe uma homenagem na atual atraente e aerodinâmica imagem exterior), a marca anuncia o Urus como o primeiro Super SUV. E os seus 650 cv num V8 biturbo, que lhe permitem atingir os 305 km/h, chegando aos 100 km/h em apenas 3.6 segundos, justificam essa designação. Finalmente toda a família vai desfrutar do seu Lamborghini!
WWW.LAMBORGHINI.COM



ALPINE A110

O regresso de um mito! O novo Alpine A110 chega para marcar um antes e um depois no que a desportivos se refere. Com um equilibro ligeireza/potência e agilidade lendários, o A110 retira “apenas” 252 cv do seu motor com 1.8 litros, mas o seu leve peso permite-lhe 250 km/h de velocidade máxima, 4.5 segundos dos 0-100 km/h e um consumo médio de apenas 6.2 litros. Bem-vindo de volta!
WWW.ALPINECARS.COM



TESLA MODEL 3

Com a fila de espera a poder chegar aos 18 meses, a expectativa e mediatismo à volta do carro é tal que Elon Musk já assumiu para ele próprio o controlo da produção. E é fácil de perceber porquê. Primeiro a sensação de estarmos a conduzir um carro do futuro, com uma integração tecnológica impressionante, é impagável. E segundo porque a versão *Long Range* tem uns nunca vistos 500 km de autonomia, e atinge velocidades de 225 km/h. Apesar de tudo, ainda não é o carro elétrico que vai mudar o mundo, mas está lá perto!
WWW.TESLA.COM

© Automobili Lamborghini S.p.A. © Alpine Cars. © Tesla Motors



OJO COMMUTER SCOOTER

Mantendo-nos no mundo elétrico, e porque com o calor nem sempre nos apetece "enfiar" dentro do carro, especialmente para deslocações curtas, ou porque nem todos temos pedalada para uma bicicleta, esta *scooter* inteligente é perfeita para o amante de tecnologia que está sempre na rua. Apresentada num elegante cinza grafite, alcança velocidades de 30 km/h, atinge distâncias de 40 km com uma única carga completa, pode circular nas ciclovias e não requer nenhuma licença de condução. Chegará ao seu destino num instante, virando cabeças pelo caminho!
WWW.OJOELECTRIC.COM



DESPERTADOR BARISEUR

Antes de se fazer à estrada, há que ter um bom despertar. Vai sentir-se nas nuvens quando acordar com o aroma do seu café. Parece também que o ritual noturno de preparar a sua bebida de eleição para a manhã seguinte irá ajudá-lo a relaxar e assim a adormecer mais facilmente. Boa noite e bom dia!
WWW.BARISIEUR.COM



SAMSUNG GALAXY S9+

Já está disponível o melhor que a Samsung tem para oferecer. É o mais avançado telefone que pode comprar, graças às suas inigualáveis câmaras e ao elegante ecrã curvo de 6.2 polegadas. A Samsung escutou os seus consumidores e criou o telemóvel ideal para pessoas com mãos e carteiras grandes!
WWW.SAMSUNG.COM

ULTIMATE EARS WONDERBOOM

E se vai à praia, piscina, a um churrasco ou piquenique, leve também a Wonderboom para que a música não falte! E não se deixe enganar pelo tamanho... Apesar de ser tão grande como uma caneca, tem uma capacidade máxima de volume surpreendentemente alta, forte resistência ao choque, 10 horas de autonomia e é virtualmente à prova de água, o que lhe permite sobreviver a qualquer aventura mais acidentada. Claro que alguns géneros musicais não irão soar tão bem mas dificilmente encontrará melhor relação qualidade-preço no mercado.
WWW.ULTIMATEEARS.COM



© OJO Electric. © Bariseur Ltd. © Samsung Electronics. © Bariseur Ltd. © Logitech International S.A.



FIFISH UNDERWATER ROBOT

Mas se ouvir música dentro de água não chega para si, e o que quer mesmo é ver que criaturas se escondem no oceano ou capturar momentos inesquecíveis na sua piscina, a P3 dá-lhe essa possibilidade sem nunca ter de pôr os pés dentro de água. Com um *design* compacto e motores poderosos, é capaz de mergulhar até 100 metros de profundidade e criar vídeos 4K HD e fotos de 20 megapixels, permitindo-lhe explorar as profundezas do oceano como nunca antes.
WWW.QYSEA.COM



SOBRO COOLER COFFEE TABLE

Porque há dias em que está demasiado quente para sair de casa, apresentamos a Sobro: um centro de conetividade para a sua sala. Vem equipada com altifalantes *bluetooh* nas laterais, duas portas USB, quatro tomadas eléctricas e luzes LED para criar o ambiente ideal para qualquer circunstância. Tudo isto facilmente controlável graças a um painel de *touch-controls* que controla também a temperatura da gaveta frigorífica central, perfeita para armazenar umas bebidas refrescantes.
WWW.SOBRODESIGN.COM



CAMISOLA OFICIAL NIKE SELEÇÃO PORTUGAL

Porque um bocadinho de superstição nunca fez mal a ninguém... Sempre que sair porta fora vá equipado a rigor!
A Nike vê a seleção de todos nós como realeza moderna, e a nova coleção é sinal disso mesmo. Inspirada pela conquista de há dois anos, os pormenores em dourado visam celebrar o presente de Portugal e o seu merecido estatuto de reis da Europa do futebol. Por outro lado, o equipamento secundário olha para o futuro, sem esquecer o passado, utilizando símbolos que remetem para a nossa rica história marítima. Agora aproxima-se a hora de "navegar" rumo à Rússia e, claro, a todos os heróis que lá vão, boa viagem e boa sorte!
WWW.NIKE.COM

© Qysea. © Sobro Design. © Nike, Inc.



EDGAR GONÇALVES

O reputado modelo masculino veio treinar connosco e mostrou-nos o seu gym outfit.

FOTOS DE ANA DIAS

T-SHIRT: **PUMA, RUNNING COLLECTION**;
CALÇÕES: **ADIDAS, CLIMALITE**;
LUVAS: **MYPROTEIN™, PRO TRAINING**;
LEGGINGS: **NIKE, POWER ESSENTIAL**;
SAPATOS: **NIKE, VARSITY**;
ACESSÓRIOS: **BANDANA PAISLEY, FIARTIL.**

insomnia girl

ANNA ALEKSASHINA

POR ALEXEY TRIFONOV




























7
AQUACARCA

Hold your breath and STICK IT IN!

(Que é como quem diz: sustém a respiração e dá-lhe com o *stick*!)

Nem só de futebol vive o país, embora às vezes pareça, e o hóquei em patins sempre teve tenência para estar no top *das modalidades coletivas nacionais. Mas até isso agora é coisa para meninos:* stick *por* stick, *desafio a sério é o hóquei subaquático, totalmente submerso, com atletas em apneia a disputarem balizas como tritões debaixo de água.*

POR ALEXANDRA COUTO

Foto: Ana Dias



Para o hóquei subaquático há equipamento disponível em vários escalões de preço. Além dos calções de banho, a lista de material obrigatório inclui óculos com tubo de apneia, touca com proteção auricular, *stick*, luva e barbatanas.

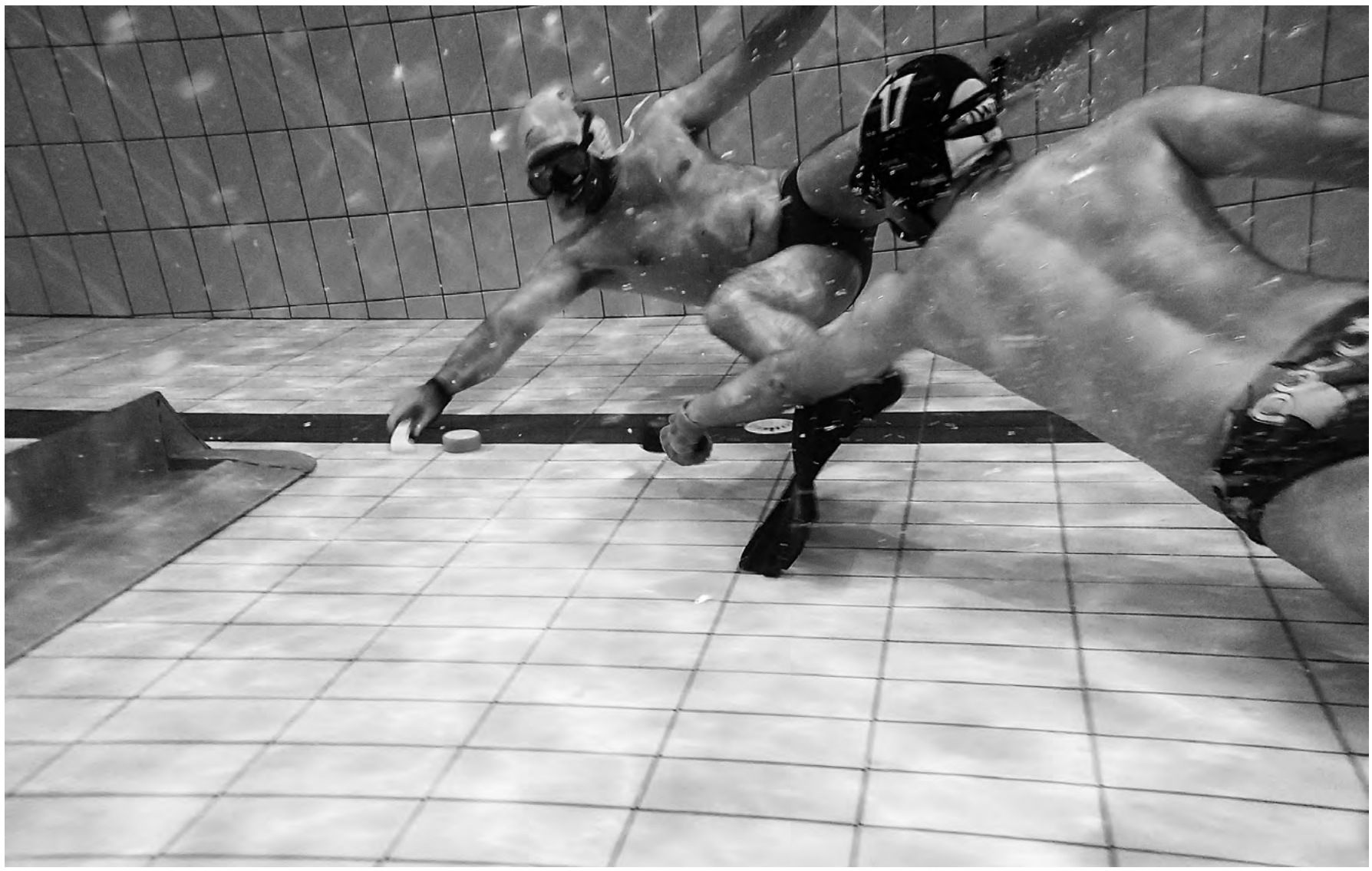
Imaginem que adoram nadar, que os melhores momentos da vossa vida são os passados a mergulhar e que chega um inverno rigoroso que congela lagos e revolta mares, como se o frio já não fosse impedimento que chegue a banhos ágeis. Foi num cenário mais ou menos como esse que o britânico Alan Blake inventou o hóquei subaquático em 1954: precisava manter ativos os mergulhadores do clube Southsea Sub-Aqua Club quando se tornava impossível praticar em águas abertas levou-os para uma piscina e a experiência surtiu efeito. Tanto que, por reinos de sua majestade, a modalidade ainda mantém o nome original: Octopush – numa alusão aos então *oito* atletas em jogo e ao *pusher* que tanto designa o *stick* como evoca o gesto de *empurrar* o disco para a frente.

O desporto foi crescendo aos poucos e em 1980 motivava o primeiro campeonato do mundo no Canadá, sendo precisos mais 27 anos até que se instituísse em Portugal. Hoje a modalidade envolve nove clubes que se concentram sobretudo no Norte e Centro do país, conta com uma seleção nacional que em julho marcará presença na próxima World Cup no Québec – novamente no Canadá – e é praticada por cerca de 100 atletas regulares de ambos os sexos, o que, podendo parecer pouco, tem várias justificações.

"A primeira é que não há muitas piscinas em Portugal que cumpram os requisitos exigidos para a prática de hóquei subaquático", defende Francisco Oliveira, da direção da Federação Portuguesa de Atividades Subaquáticas (FPAS), que rege a modalidade. "Além de terem 20 a 25 metros de comprimento por 12 a 15 de largura, o que até será fácil de encontrar pelo país todo, é preciso que as piscinas apresentem uma profundidade entre os 2,20 e os 3,65 metros, distribuída de forma igual por toda a superfície do fundo – quando o que acontece na maioria é que têm o piso inclinado".

Outro motivo para que a modalidade ainda tenha uma participação algo restrita em Portugal é a circunstância de ter sido introduzida no país por praticantes adultos e só agora começar a ser divulgada de forma consistente junto de crianças e jovens, graças ao programa Aquasub, que envolve federação, autarquias, escolas e clubes. Mas mais importante para explicar porque poucos se atrevem a praticá-la é mesmo o facto de que implica realmente uma excelente forma física. Afinal, está-se a falar de uma atividade que implica nadar, mergulhar em apneia, caminhar debaixo de água, fazer movimentações rápidas com um *stick* e empurrar pelo fundo da piscina um disco de 1,5 quilos de chumbo revestido a borracha, sempre de forma coordenada dentro de equipas de seis jogadores.

Foto: Ana Dias



Revestido em borracha ou material idêntico, o disco de chumbo com que se marcam os golos não pesa menos de 1,5 quilos, para se manter minimamente estável no fundo da piscina.

"Só se consegue jogar se se estiver mesmo num bom momento de forma", garante André Gaspar, que em 2007 foi um dos fundadores da modalidade em Portugal e hoje treina a equipa do Clube Zupper e integra também a Seleção Nacional. "Por isso é que o hóquei subaquático nunca será um desporto de massas – pelas suas características exigentes, será sempre um desporto de nicho".

Pouco conhecido, pouco patrocinado

Aos que se considerem aptos para o desafio requere-se regularidade nos treinos que habitualmente são noturnos e bi ou trissemanais; disponibilidade aos sábados e domingos para jogos oficiais de competições como o Campeonato Nacional, a Taça de Portugal, diferentes torneios realizados no país e algumas provas no estrangeiro; e capacidade financeira para suportar a despesa com o seu próprio equipamento e uma ou outra deslocação. "Sendo um desporto que se mantém pouco conhecido, ainda não tem ainda grandes apoios ou patrocínios", afirma André Gaspar. "Salários profissionais não há e, mesmo quando vamos com a Seleção Nacional a um Campeonato do Mundo, se não tivermos que pagar despesa nenhuma do nosso bolso já é uma sorte".

"Nunca será um desporto de massas, pelas suas características muito exigentes"

Mesmo assim, o atleta diz que o esforço vale a pena e garante que "há equipamentos para todas as bolsas". Máscara de mergulho, tubo de apneia, toucas com proteção de orelha, luva e *stick* são relativamente baratos, na ordem dos 10 a 30 euros por peça, e maior oscilação de preço envolvem só as barabatanas, que podem custar de 30 a 400 euros consoante sejam em polipropileno ou fibra de carbono, o que "influi muito no desempenho do mergulhador" em termos da leveza conferida ao pé e da sua flexibilidade de movimentos.

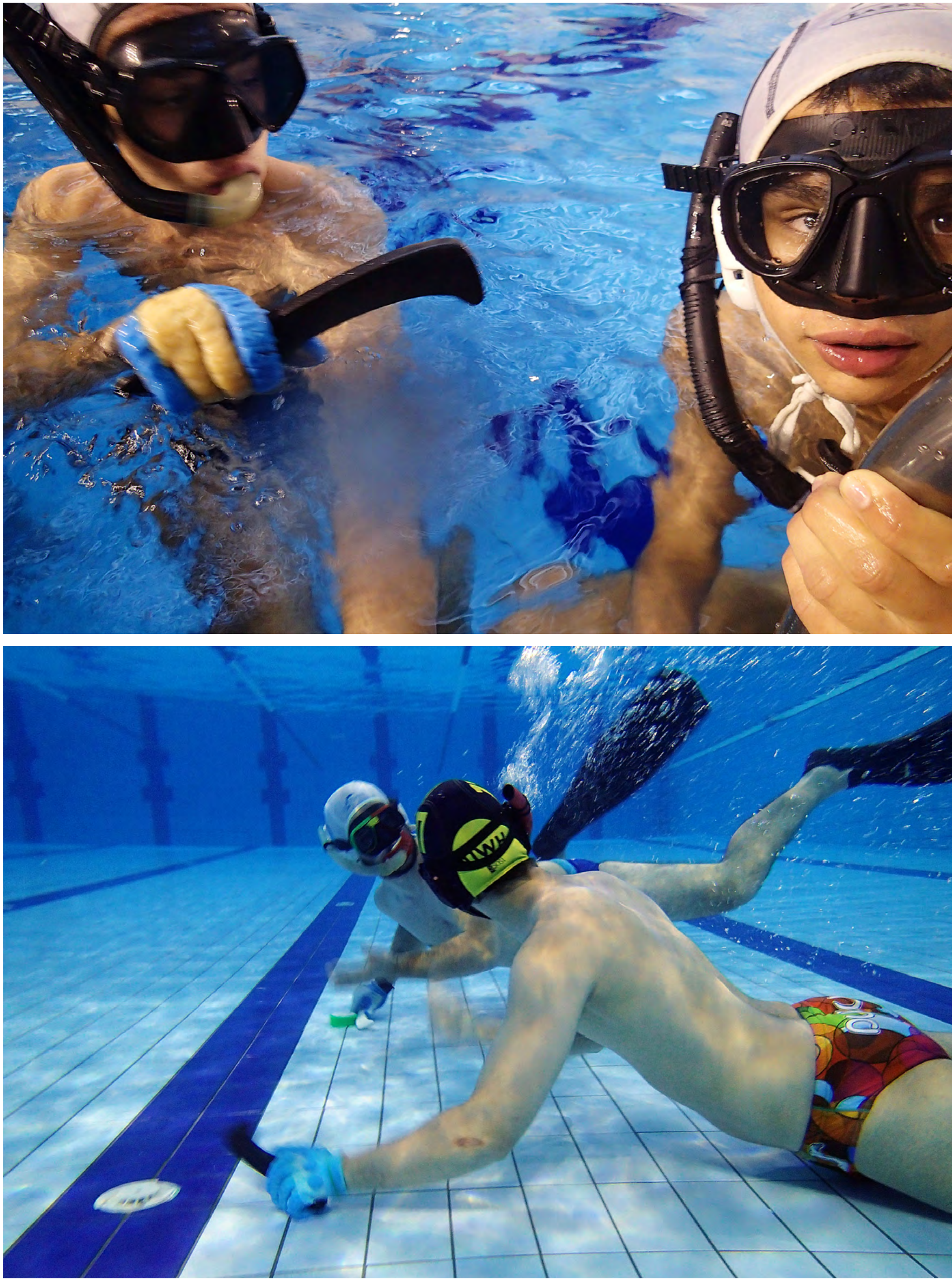
"Pode parecer que não, mas o hóquei subaquático é muito complexo e envolve muita técnica", diz André Gaspar. "É preciso estar treinado para apneias curtas de recuperação rápida, caminhar submerso paralelamente ao fundo da piscina, vir à superfície e respirar pelo tubo sem tirar o corpo da água para não se perder o contacto visual com o jogo".

E por falar em contacto visual, onde está o público? "Sentado nas bancadas da piscina, a acompanhar o jogo por vídeo, seguindo num ecrã o que se passa debaixo

Foto: Ana Dias

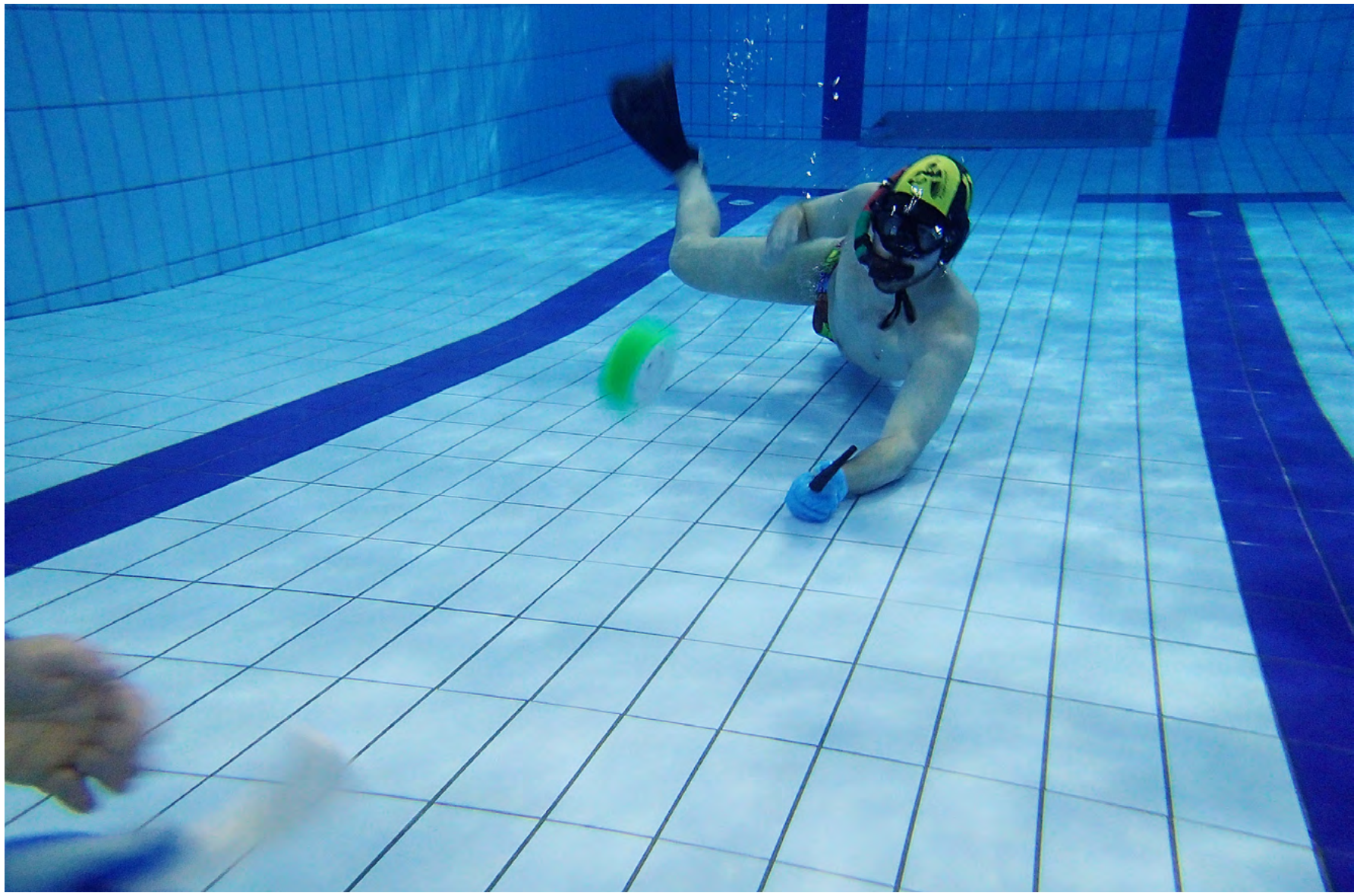
Em Portugal, o hóquei subaquático conta com nove clubes oficiais e é praticado por cerca de 100 atletas de ambos os sexos.

Foto: Ana Dias



O jogo implica apneias curtas de recuperação rápida e frequente, entre os momentos de caminhada no fundo da piscina e o regresso à superfície para retomar a respiração sem perder contacto visual com o jogo.

Fotos: Ana Dias



De 19 a 28 de julho, a Seleção Portuguesa de Hóquei Subaquático vai disputar o Campeonato do Mundo no Québec, no Canadá.

de água", revela Francisco Oliveira. "Até nisso o hóquei subaquático é um jogo diferente".

Crescer como no estrangeiro

Onze anos após o arranque oficial da modalidade em território nacional, o objetivo da Federação Portuguesa de Atividades Subaquáticas é promover um maior conhecimento do hóquei praticado debaixo de água para cativar jovens atletas para o jogo e garantir sucessão aos seniores que hoje o praticam. Chegar aos números registados em países como França e Alemanha seria uma ambição irrealista (no primeiro caso o desporto está organizado em três divisões e no segundo há clubes que chegam a ter 100 atletas inscritos), pelo que prioritário é divulgar a modalidade em escolas e clubes de natação onde os pequenos tritões já conheçam as exigências mínimas da agilidade em ambiente líquido.

André Gaspar reconhece que "houve uma evolução muito grande na modalidade desde 2007" e que muito se alterou desde a constituição da Seleção Nacional em 2008 e a sua primeira participação num Campeonato do Mundo, mas concorda que é preciso levar às piscinas novas gerações de atletas e que elas não estarão à espera nos rinques de patinagem. "Hóquei em patins e hóquei subaquático só têm em comum parte do nome e o facto de envolverem um *stick*. No resto, são coisas completamente diferentes", assegura. Daí que as suas expectativas repousem mais na transição a partir de outra modalidade que conhece desde os 3 anos de idade: a natação. "É aí que estão os nossos futuros atletas", argumenta. "O hóquei subaquático é uma boa alternativa para todos os jovens que deixam a natação porque ela lhes consome a adolescência toda, implica treinos bi-diários e obriga a muitos fins-de-semana em provas. Eles chegam a uma idade em que não conseguem conciliar tudo com a faculdade e aí podem descobrir que o hóquei subaquático é um desafio novo, estimulante, que combina a 'aquaticidade' que eles já conhecem com exigências diferentes e novos motivos de entusiasmo".

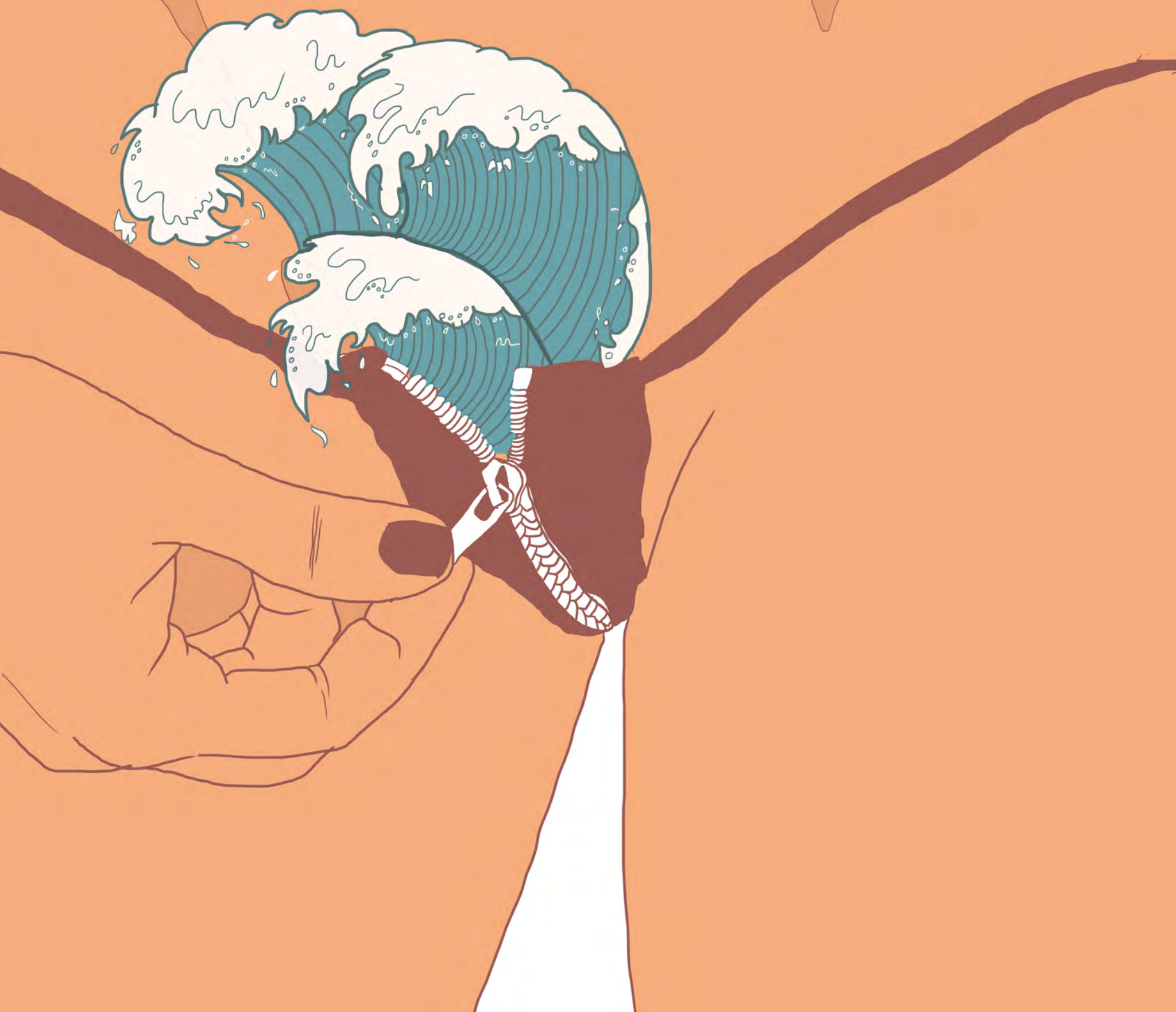
Francisco Oliveira está confiante. No que se refere aos praticantes mais novos, porque espera já no final deste ano "um grande incremento na modalidade" na sequência das iniciativas de divulgação em curso no âmbito do programa Aquasub. No que respeita aos adultos, porque a curiosidade também atrai. "Quem souber mergulhar e tiver um clube por perto, só tem que aparecer e pedir para experimentar", recomenda. "Se não for pessoa de desistir à primeira dificuldade, vai ver que depois não quer outra coisa". ●

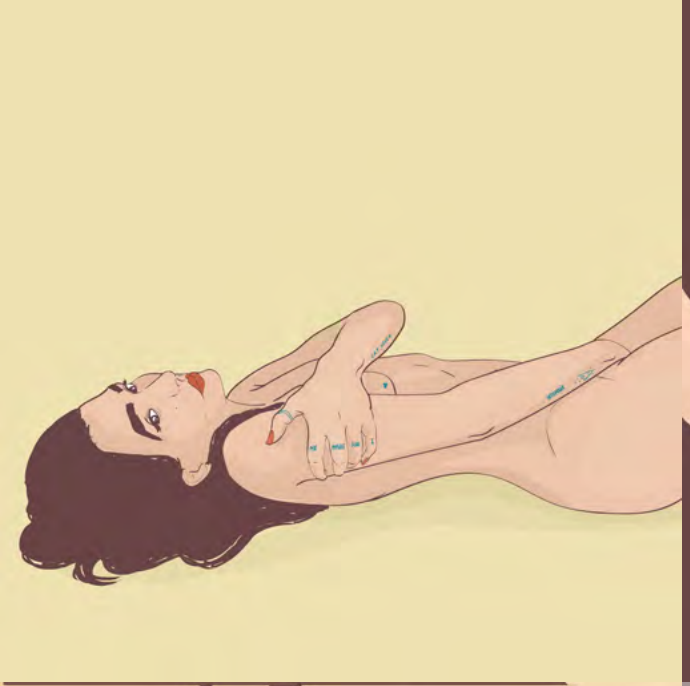
Foto: Ana Dias


SHAUB & FISCHER

A COR DE UVE

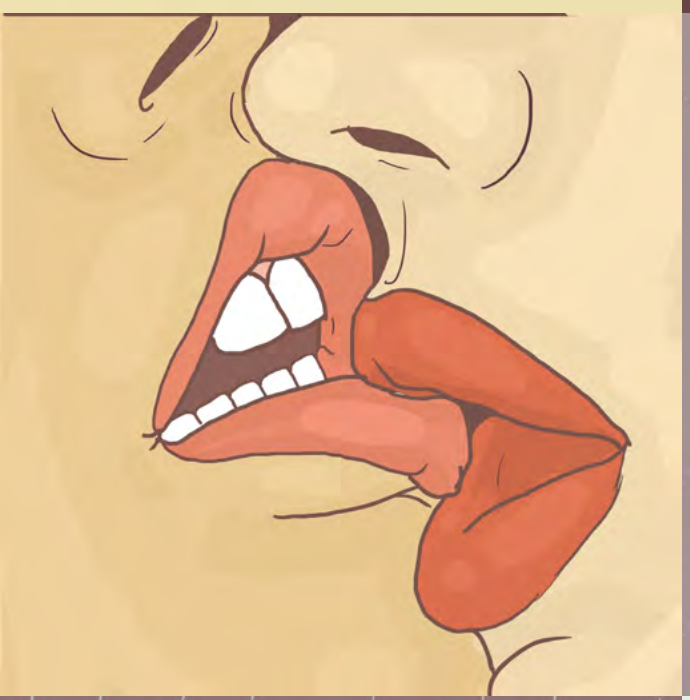
ILUSTRAÇÕES DE MARIA UVE • TEXTO DE JOANA CLARA



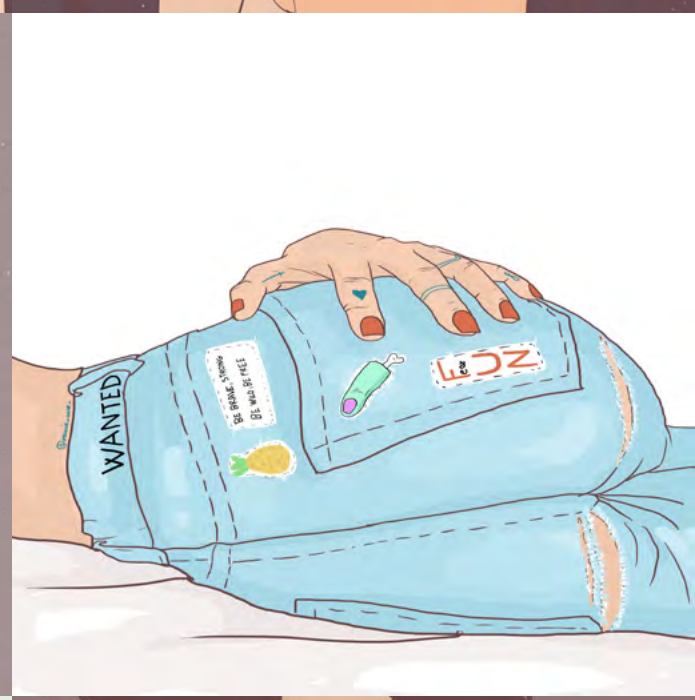



FOLLOW YOUR DREAMS
EVEN IN THE DARK
BE BOLD, BE STRONG
AND ARRIVE ALL
BE REAL, BE NOT
BEING CONVENTIONAL


I'M SPACIAL E
I NEED YOUR SPACE




I LOVE YOU SO FREE

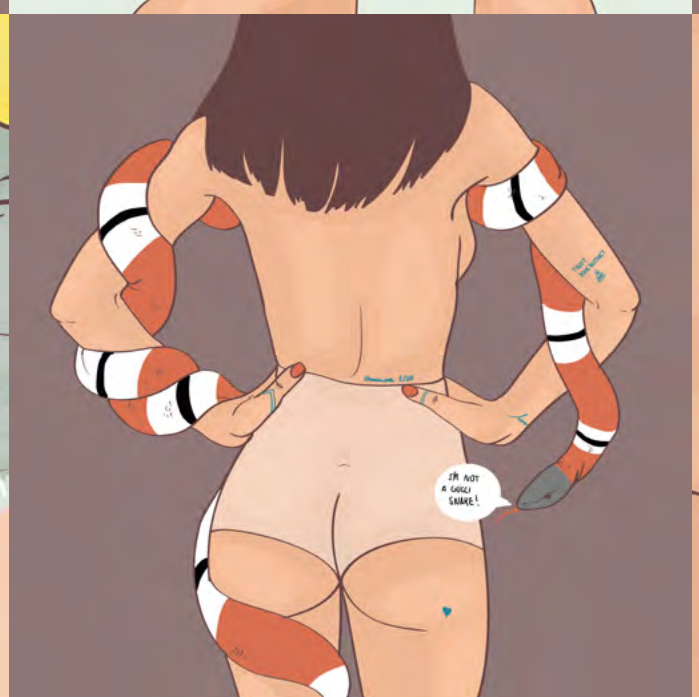

WANTED
BE FREE
BE WHO YOU WANT

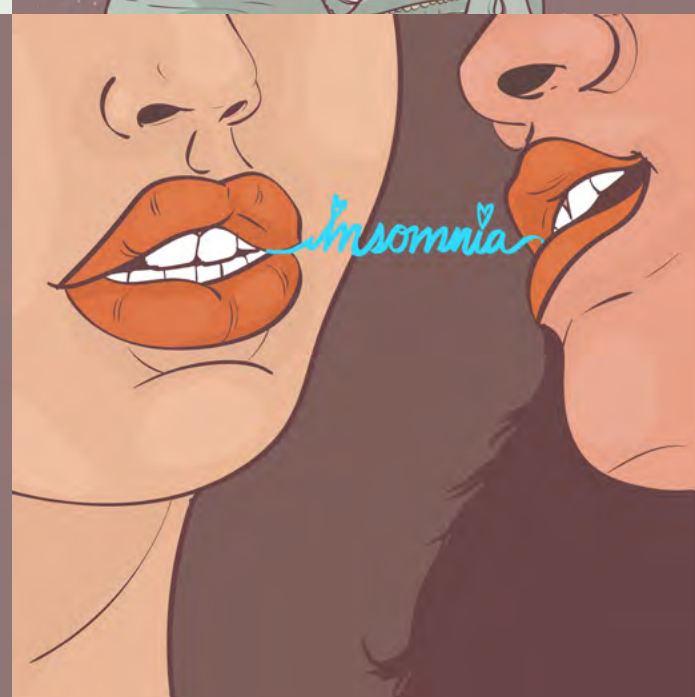

YOU ARE THE SUN IN THE RAIN




NO LOVE
I CAN FLY
ALONE


LAS APARIENCIAS NO ENGAÑAN


I'M NOT A CUTE SNAKE!


Insomnia


DON'T
TAG ME
ME. MYSELF
AND I
@mxie_uwe

MARIA UVE

Nan Goldin, Blue Valentine, Ruby Sparks e Eternal Sunshine Of The Spotless Mind numa ilustração digital, que parece extraída, qual *frame* magnetizante, de uma cena de um romance cinematográfico alternativo? A ilustradora e fotógrafa espanhola Maria Uve conseguiu condensar todas estas obras de arte – sem recurso a transcendentes investimentos de produção e com toda a liberdade criativa que se almeja trazer na pele –, no seu portefólio de desenhos-refúgio.

Nascida em Vigo em 1984, esta artista estudou Ilustração na Escola Superior de Artes e Design Antonio Faílde, e especializou-se também em *design* gráfico e fotografia artística. A banalidade do quotidiano, que, aos olhos dos menos despertos para o sentido estético, pode não adquirir qualquer relevância visual, insurge-se aqui repleta de vigor e de magia através dos movimentos das suas mãos. Os corpos despem-se de preconceitos, de amarras e de pudor, para abraçarem a sua sensualidade e as suas cicatrizes de vida em toda a plenitude. Através de uma suave (e algo cândida) combinação de cores e de formas, Maria Uve tem o condão de transformar os momentos de intimidade, vividos na privacidade de quatro paredes, num convite para sermos *voyeurs* sem culpas no cartório.

Há um olhar profundo e enigmático acerca dos detalhes que pincelam o mundo que nos circunda. E há, claro, vislumbres de uma paixão ardente ou de um amor para a vida inteira, com demasiado espaço para o mecanismo da imaginação engrenar sem limites, para lá do infinito.

Neste processo inventivo há uma procura pela identidade de um ser uno e pela fluidez da sua provocadora dança em direção ao seu par, qual serpente que nos "obriga" a cair em tentação. Aguarela, tinta, acrílico, serigrafia e técnica digital são as munições que traz na algibeira, sempre prontas a deixar mais uma tatuagem nas emoções com as quais as suas personagens se vestem.

No fundo, Maria Uve faz-nos acreditar que o romance e o afeto caminham na mesma direção, rumo ao destino que aconchega os amantes. E se se sentir perturbado, ansioso e virado do avesso numa fração de segundos, verá que não tem outro remédio senão o de aceitar toda a estranheza que o faz parecer doido varrido. É o amor, que mexe com a cabeça e o deixa assim; sem rosa dos ventos em alto-mar e com uma âncora no oceano do prazer.





© DR

Design português a apoiar a Síria

UMA CERVEJA PARA AS CRIANÇAS COM CANCRO

Era uma vez uma empresa da Síria que queria continuar a crescer em tempo de guerra. Criou uma cerveja premium *porque lhes faltava algo com que elevar os ânimos e contratou um* designer *português para conceber um rótulo ajustado. Ele cumpriu a sua parte, o trabalho agradou a todos e, no final, chegada a hora de receber o respetivo pagamento, o lusitano pediu que o valor que lhe era devido fosse doado a uma instituição de apoio às crianças desse país destroçado. O cheque seguiu para uma instituição que apoia o tratamento de crianças com cancro. A cerveja faz bem. O* design *também.*

POR ALEXANDRA COUTO



A Afamia é a primeira cerveja *premium* da Síria e na sua curta história conta já com um difícil processo de instalação industrial, ao ritmo permitido pela guerra.

Hugo Marques ainda é jovem, mas no seu currículo de *designer* leva já considerável experiência internacional, após vários anos de trabalho em países como Dinamarca, Noruega, Irlanda e Itália.

Começou por fundar o Think Bold Studio quando ainda residia fora de Portugal, mas, regressado definitivamente a Aveiro em 2015, deu um novo impulso ao projeto e acabou por beneficiar do *boom* da indústria cervejeira artesanal: concebeu o *packaging* da marca Vadia, depois criou o da Maldita, entretanto assinou também o da Dois Corvos. Não será de estranhar, portanto, que, a certa altura o seu nome tenha surgido nas pesquisas *online* de uma empresa de *marketing* asiática à qual um fabricante sírio confiara a conceção de todos os suportes gráficos para uma cerveja prestes a lançar no mercado: a Afamia. O trabalho foi sendo desenvolvido à distância, com base neste *background*: a marca surgiu em 2010 quando os seus proprietários adquiriram em Damasco o terreno onde se propunham instalar a respetiva unidade industrial, mas um ano depois já a guerra em curso se instalara na região e a empreitada ficava suspensa na sequência dos conflitos armados. A construção da cervejeira seria retomada apenas em 2014 e, ao ritmo permitido por um país em drama profundo, foram precisos dois anos para concluir os trabalhos de engenharia civil e eletromecânica. Entre contratações, instalação de pessoas e meios, testes e efetiva produção, só em 2017 é que o projeto iniciado em 2010 viria finalmente a concretizar-se. "Não desistimos", dizia a direção da Afamia no lançamento daquela que define como a primeira cerveja *premium* da Síria. "O nosso objetivo está agora sólido e nós avançamos com coragem e sem cedências para fazer a diferença e criar valor".

Inspirado por esse emprenho e resiliência, Hugo Marques começou por dedicar-se a um intenso trabalho de pesquisa sobre a cultura síria e a origem do próprio termo "Afamia" – que, a par de "Apameia", serve de designação ao povoado que surgiu no Norte desse país por volta de 300 a.C e chegou a acolher 117.000 habitantes no início da era romana. Com uma localização estratégica que lhe assegurou proeminência militar e comercial, a cidade viu parte do seu património resistir até à atualidade e é hoje a segunda ruína arqueológica mais relevante da Síria – logo a seguir a Palmira, que entretanto também sofreu destruições massivas enquanto alvo do Daesh.

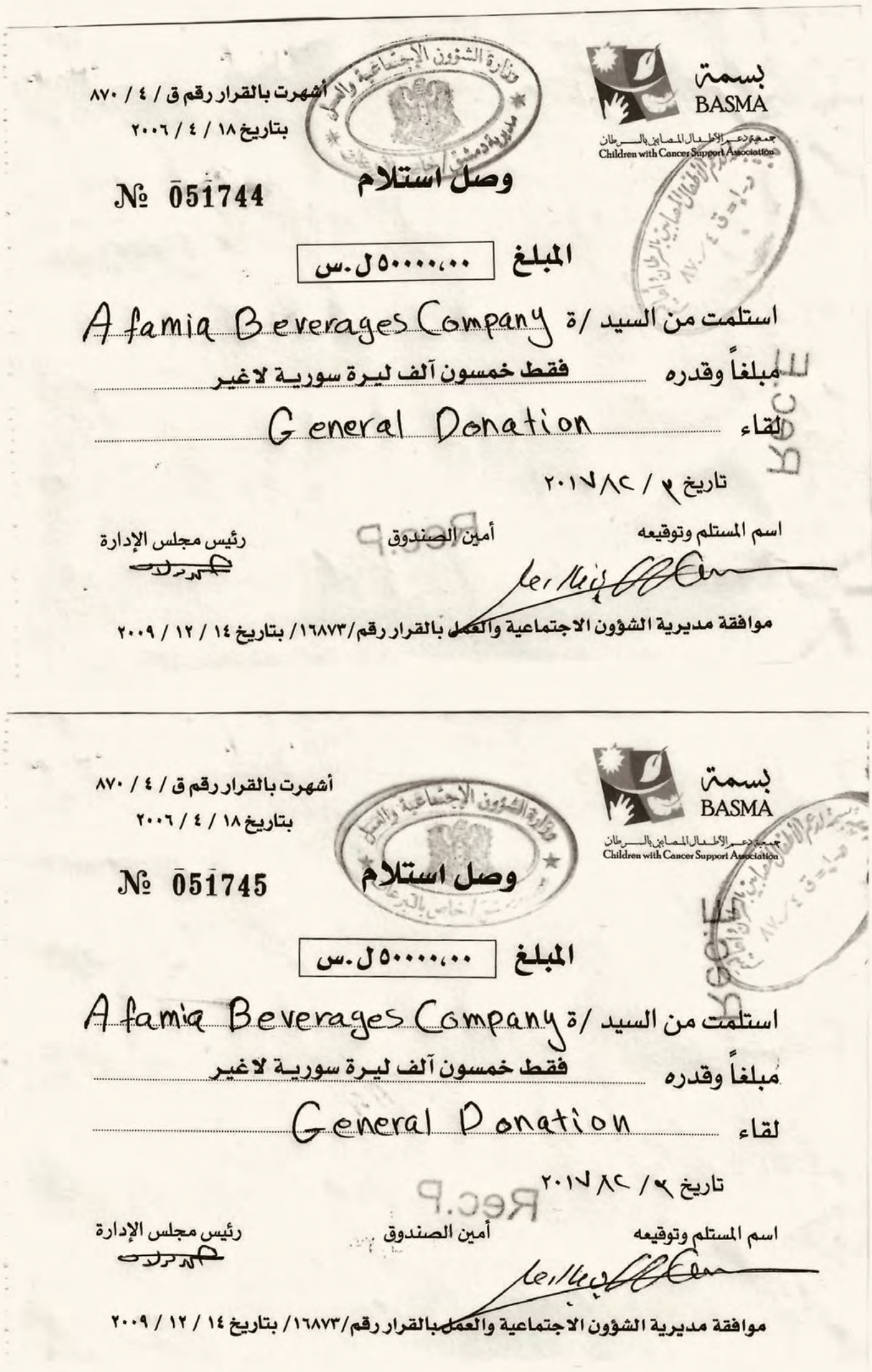
"Há uma história muito grande por trás do nome 'Afamia', um passado com muito simbolismo", conta o

© DR



Hugo Marques aplicou no *design* da Afamia a experiência que acumulou na Dinamarca, Noruega, Irlanda e Itália, e também com cervejas portuguesas como a Vadia, Maldita e Dois Corvos.

© DR


بسمة
BASMA
جمعية دعم الأطفال المصابين بالسرطان
Children with Cancer Support Association

وزارة الشؤون الاجتماعية والعمل
مديرية دمشق

أشهرت بالقرار رقم ق / ٤ / ٨٧٠
بتاريخ ١٨ / ٤ / ٢٠٠٦

وصل استلام

№ 051744

المبلغ ٥٠٠٠٠٠،٠٠ ل.س

استلمت من السيد / ة Afamia Beverages Company

مبلغاً وقدره فقط خمسون آلف ليرة سورية لاغير

لقاء General Donation

تاريخ ٢ / ٨ / ٢٠١٧

اسم المستلم وتوقيعه

أمين الصندوق

رئيس مجلس الإدارة

موافقة مديرية الشؤون الاجتماعية والعمل بالقرار رقم/١٦٨٧٣/ بتاريخ ١٤ / ١٢ / ٢٠٠٩

بسمة
BASMA
جمعية دعم الأطفال المصابين بالسرطان
Children with Cancer Support Association

وزارة الشؤون الاجتماعية والعمل

أشهرت بالقرار رقم ق / ٤ / ٨٧٠
بتاريخ ١٨ / ٤ / ٢٠٠٦

وصل استلام

№ 051745

المبلغ ٥٠٠٠٠٠،٠٠ ل.س

استلمت من السيد / ة Afamia Beverages Company

مبلغاً وقدره فقط خمسون آلف ليرة سورية لاغير

لقاء General Donation

تاريخ ٢ / ٨ / ٢٠١٧

اسم المستلم وتوقيعه

أمين الصندوق

رئيس مجلس الإدارة

موافقة مديرية الشؤون الاجتماعية والعمل بالقرار رقم/١٦٨٧٣/ بتاريخ ١٤ / ١٢ / ٢٠٠٩

O recibo que comprova o donativo à associação Basma, que apoia crianças sírias com cancro e também os seus familiares, ao nível de acompanhamento psicológico e educativo, dos tratamentos e do alojamento durante hospitalizações fora da sua área de residência.

designer português. "Tentei respeitar esse legado e apostei numa linha gráfica inspirada nas caixas artesanais de madeira trabalhada que são emblemáticas da Síria e que também envolvem muita perícia, muito detalhe – no fundo, muito trabalho que também é *premium* como a cerveja".

Adicione-se à representação estilizada dessa caixa o dourado que celebra a história da(s duas) Afamia(s), o azul que evoca frescura e o vermelho da versão de sabor mais intenso, e eis que o design de Hugo Marques é o escolhido para assegurar a estética da nova cerveja. *Job done! Cheers!*

Bassel Al-Rustom é o diretor-geral da Afamia Beverages Company LLC e garantiu à INSOMNIA: "O Hugo foi bem-sucedido na criação de um *design* que representa com precisão a nossa marca. As cores que escolheu e a direção artística que adotou equilibram a nossa herança com a nossa ambição. Para um passado dourado, as faixas azuis e vermelhas de uma fresca e arrojada perspetiva quanto ao futuro". Tudo combina com a filosofia da empresa, com o espírito subjacente a uma cerveja partilhada. "Nós, os da Síria, queremos reclamar o otimismo".

"Nós, os da Síria, queremos reclamar o otimismo"

Com cerveja, mas sem medicamentos

Concluído o trabalho, Hugo Marques foi questionado sobre a forma como gostaria que o pagamento fosse processado e nessa altura solicitou que os seus honorários fossem doados a uma instituição local de apoio à infância. "Nós só sabemos o que nos chega pelas televisões e acredito que haja muito mais gente na Síria a precisar, mas as vítimas que nos tocam mais na guerra são sempre as crianças", explica. "Deixei ao critério da empresa a seleção da instituição mais adequada e, passado algum tempo, eles disseram-me que tinham selecionado uma associação que trabalha com o hospital pediátrico de Damasco".

A escolha da Afamia não terá sido ao acaso. Ainda em março de 2017 a agência noticiosa Reuters relatava que o serviço de oncologia do hospital pediátrico de Damasco estava a lidar com uma crítica carência de substâncias terapêuticas, não apenas devido à guerra civil, mas também às sanções impostas pelo Ocidente à circulação de medicamentos. Como se não bastasse a perda de um número significativo de médicos entre as centenas de milhares de vítimas mortais provocadas pelos conflitos desde 2011, metade das unidades hospitalares do país estava inativa, o orçamento da Saúde sofrera um corte drástico devido à despesa bélica, a libra síria perdera 90% do seu valor cambial e, para agravar esse cenário já negro, também as sanções internacionais vieram complicar as relações comerciais de farmacêuticas estrangeiras com as autoridades sírias e dificultar as transações bancárias para pagamento de drogas médicas importadas – cujos preços se tornaram, por todas essas razões, proibitivos. É verdade que a União Europeia e os Estados Unidos da América previam isenções para medicamentos e outros bens humanitários, mas, ao reprimirem-se as transações financeiras e diversos negócios com o governo sírio, as sanções afetaram indiretamente o comércio com as farmacêuticas, que, receando consequências fiscais penalizantes, passaram a evitar qualquer tipo de troca com a Síria.

Ora se a Afamia se preza de querer "capacitar os sírios", incentivá-los a "nunca desistirem do seu futuro" e incutir-lhes orgulho por um produto "que segue *standards* internacionais sem deixar de ter fabrico local", foi fácil decidir que o cheque relativo aos honorários de Hugo Marques deveria ser encaminhado para uma instituição que procurava ultrapassar essas dificuldades. A associação BASMA cumpria os critérios: dedica-se a apoiar crianças com cancro, proporcionando acompanhamento psicológico e educativo tanto aos doentes como aos respetivos familiares, e financiando também as suas despesas com procedimentos terapêuticos e alojamento durante os tratamentos. "As crianças são o futuro", diz Bassel Al-Rustom. "Escolher a luta contra o cancro reflete a nossa perseverança e a atitude de combater os obstáculos sem perder a esperança".

A opção de Hugo Marques ao prescindir dos seus honorários para apoiar esforços sociais num país em guerra foi valorizada não tanto pelo seu valor monetário – o cheque "não chegava aos 1.000 euros", admite o *designer* – quanto pelo seu significado motivacional. "Foi um gesto nobre e um incentivo para nós", afirma Bassel Al-Rustom. "É comum recebermos comentários positivos ao nosso projeto por representarmos a perseverança do povo sírio de uma forma positiva, mas o donativo do Hugo foi uma inspiração maior para todos, tanto para nós, na Afamia, como para os nossos fornecedores e clientes".

Com novos projetos na calha também ao nível do *design* e *branding* de bedidas, mas agora mais focado em vinhos de mesa e vinhos do Porto, Hugo Marques continua a procurar refletir nos seus trabalhos a história, os ideais e o carisma próprios de cada produto, na tentativa de motivar no consumidor final uma experiência integrada e plena. Entre conformado e irónico, confessa, no entanto, que não tem privilégios especiais na hora de testar o sucesso dessa fusão: "Se quiser ver o produto final em contexto real, com o meu rótulo, tenho mesmo que ir a um supermercado ou a um bar ou restaurante. É que, curiosamente, este tipo de cliente nunca me manda uma garrafa para experimentar". Com essa atitude, a marca de cerveja faz bem? A de vinho? Também? ●

insomnia girl

NATALIA ANDREEVA

POR VLADIMIR SERKOV





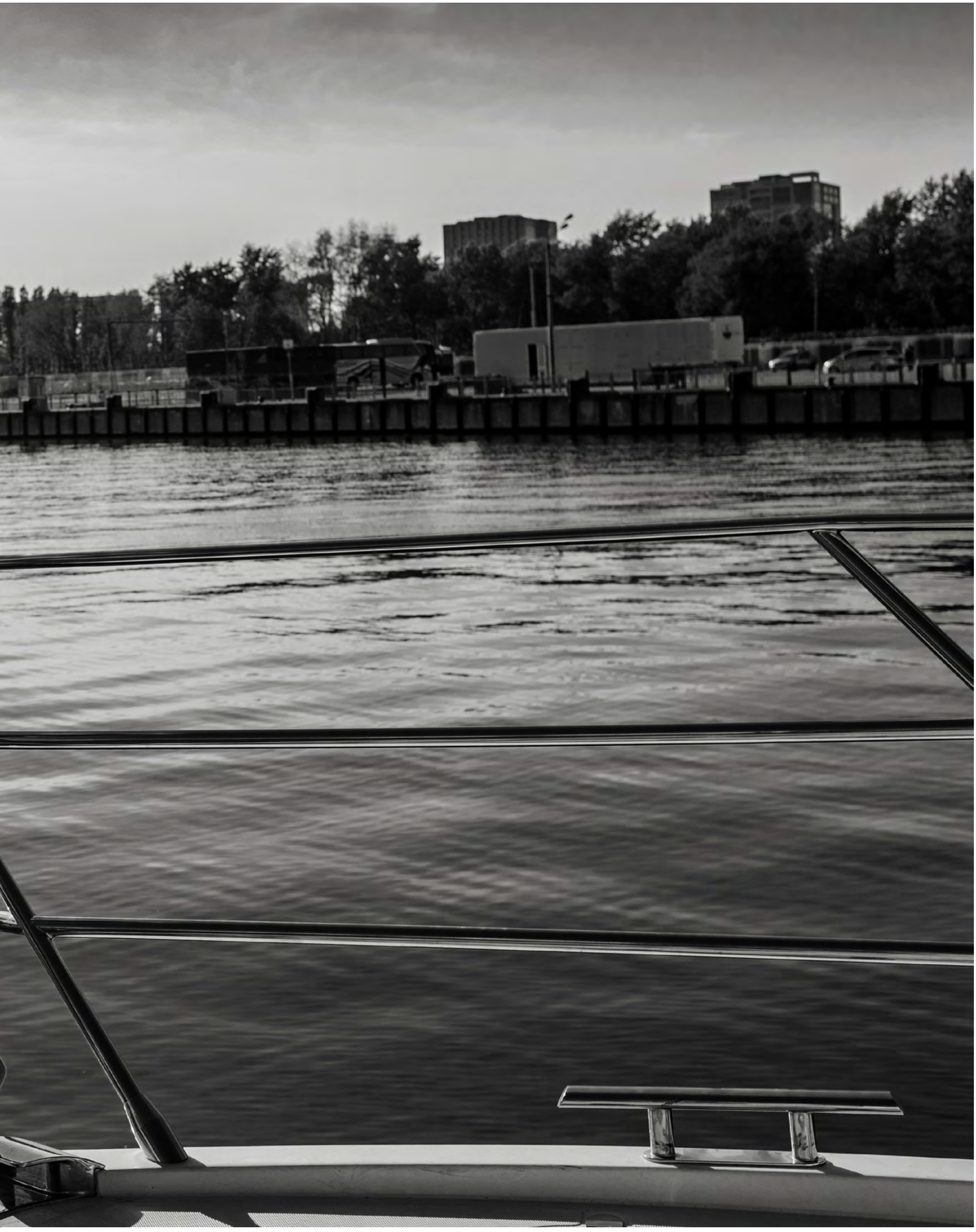


















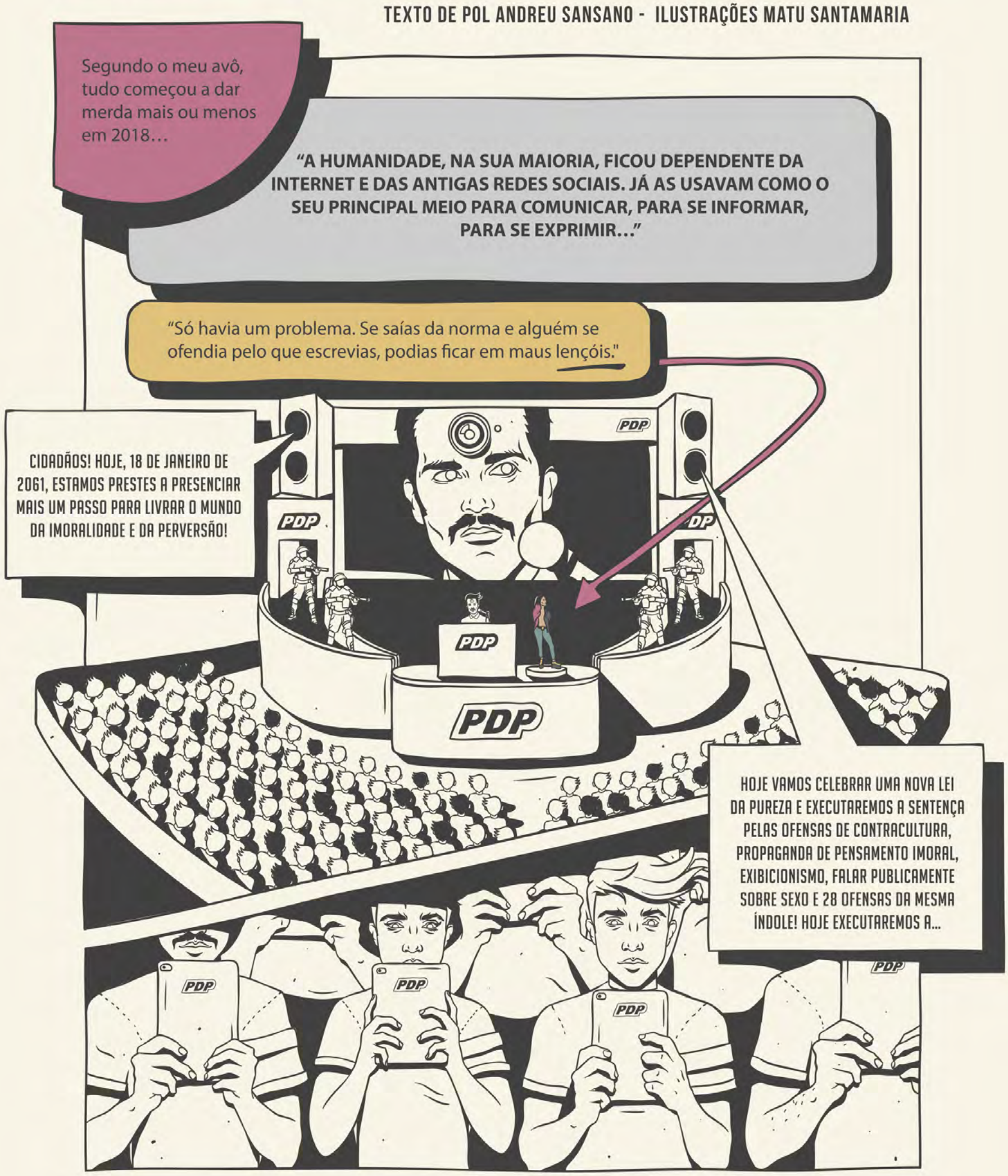






PÁSSARO LIVRE

TEXTO DE POL ANDREU SANSANO - ILUSTRAÇÕES MATU SANTAMARIA



... A FUGITIVA N.º1 DOS ESTADOS UNIDOS DA EUROPA. A "DISLIKADA" NORA SMITH!

"JUNTANDO A ISSO UMA CRISE ENERGÉTICA MUNDIAL E UM PAR DE GUERRAS, EM POUCOS ANOS TERÁS UM PESADELO ORWELLIANO ONDE SE LEVA PARA A PAREDE UMA JOVEM DE VINTE ANOS POR FAZER O QUE LHE DÁ NA CABEÇA SEM SE IMPORTAR COM O QUE OS OUTROS PENSAM"

DISLIKE

Coitados. Desde que nasceram que nunca pensaram por eles mesmos. Que pena me dão

FU

DISLIKE!

NÃO FAÇAS ESSA CARA DE ZANGADA, MIÚDA COM PELE DE DIABO! CLARO QUE TE EXECUTAREMOS PARA O BEM DA NOSSA SOCIEDADE E DA SUA PUREZA MENTAL. MAS TAMBÉM TEMOS PIEDADE CRISTÃ E VAMOS CONCEDER-TE UM ÚLTIMO DESEJO ANTES DA TUA EXECUÇÃO. É A LEI.

AO FIM E AO CABO, HOJE ACABAMOS COM A LÍDER INTELECTUAL DA RESISTÊNCIA. VAMOS CONCEDER-TE O QUE QUISERES. EXCETO A TUA LIBERDADE, CLARO. ISSO JÁ PERDESTE HÁ MUITO.

"A minha liberdade…
A minha liberdade, dizes?"

VAIS VER-ME MAIS LIVRE
QUE NUNCA, IDIOTA!

YA SÉ LO QUE QUIERO
COMO MI ULTIMA
VOLUNTAD...

Quero ouvir "Free bird" de
Lynyrd Skynyrd e um maço
de tabaco Lucky Strike!

ESTÁ BEM. SE COM ISSO TE FAZEMOS
FELIZ E DEPOIS PODEMOS ACABAR
CONTIGO, ASSIM SEJA.

**"TROUXERAM O EQUIPAMENTO
DE SOM E A CANÇÃO DA MINHA COLEÇÃO
PESSOAL. POR SORTE AINDA NÃO
A TINHAM DESTRUÍDO"**

**"OBRIGADO AVÔ POR ME TERES
DEIXADO TODAS ESTAS PÉROLAS DO ROCK.
E PERDÃO POR NÃO AS TER
ESCONDIDO MELHOR"**


If I leave here tomorrow Would you still remember me?
Mas hoje, avô, vou fazer uma coisa de que estejas orgulhoso
Hoje vou fazer com que o mundo redescubra o rock.
FU
ESTE SOLO DE GUITARRA É...
É MELHOR QUE QUE FODER!

MALDITA HARPIA! A TUA ALMA ARDERÁ NO INFERNO SÓ PELO QUE ACABAS DE FAZER!

Tanto me faz. Posso assegurá-lo que acabo de estar no céu durante os 9 minutos que durou a canção.

E isso é tão certo como não poder pôr-se de pé por causa da ereção que a minha dança suja lhe provocou"

FOGO!

Não obrigado, já tenho.

"NEM TODOS OS SOLDADOS DISPARARAM. NEM TODO O MUNDO PÔS LIKE NO VÍDEO DA MINHA EXECUÇÃO"

"EM POUCOS DIAS, OS DISCOS DE ROCK CLÁSSICO ERAM OS MAIS COBIÇADOS DO MERCADO NEGRO. EM POUCAS SEMANAS COMEÇARAM AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES. EM MENOS DE UM ANO MUDOU TODO O SISTEMA"

FREE BIRD

"ERA IRÓNICO. EM 2061, OS ANOS 60 VOLTAVAM MAIS FORTES DO QUE NA PRIMEIRA VEZ. NADA É CERTO NESTA VIDA. EXCETO QUE

ROCK NUNCA MORRERÁ."



ESKADA
VIZELA

O ESKADA VIZELA Renasce nesta Nova Temporada ainda mais completo! Ao longo dos anos aprendemos, evoluímos, entendemos ainda mais as necessidades dos nossos clientes, mas fundamentalmente trabalhamos para um resultado... FESTA GARANTIDA!

AWARDED BY THE WORLD'S FINEST CLUBS

Mantendo os princípios base, um espaço de excelência, ambiente seleccionado e a certeza de um serviço exclusivo, o ESKADA VIZELA renasce no FUTURO! Encha-se de coragem para conhecer o NOVO ESKADA VIZELA, nesta nova temporada a certeza das Melhores Noites de MUSICA, MODA E LIFESTYLE!

3 AREAS > AMBIENTES

Divido em espaços singulares com características e fundamentos mais personalizados, reabrimos com o intuito de acolher os clientes mais exigentes e ainda potenciar Marcas e Parceiros de Negócio!

CAMAROTES & RESERVAS 912 520 970

grupoeskada.pt · geral@grupoeskada.pt eskadavizela #eskadavizela



HELLY

Venha conhecer o calor desta ninfa de cabelo de neve.

FOTOGRAFIAS DE ANA DIAS • TEXTO DE JOANA CLARA






3 KG
3 KG




PHONES
FM MODE/BP
STEREO/I
MONO
SELECTOR
LINE
RADIO
TAPE
TONE
BALANCE
VOLUME
BAND
TUNING
L – FINE TUNING – H
ALC
AUTO STOP/SOFT EJECT SYSTEM
3-LED INDICATOR
OPERATION
FM STEREO
RECORD
STOP/EJECT
REWIND
FF
PLAY
PAUSE
ONE TOUCH RECORDING
Panasonic
PORTABLE STEREO COMPONENT SYSTEM

Cabelos longos e molhados, pele salgada e bronzeada, pés descalços na areia fina, dourada pelo sol quente de verão, fatos de banho escarlate cavados. A tocar em plano de fundo? *"In us we all have the power, but sometimes it is so hard to see; and instinct is stronger than reason, it is just human nature to me"*. A banda sonora de Marés Vivas, a mítica série televisiva norte-americana filmada nas praias da Califórnia. Um verdadeiro postal dos anos 80, em tons terra, com formas femininas capazes de tirar o fôlego aos espetadores mais atentos aos *close-ups*.
Hellyda Cavallaro, a modelo brasileira de 28 anos que jorra sensualidade nas páginas desta edição da INSOMNIA Magazine, poderia perfeitamente juntar-se a Gena Lee Nolin, Donna D'Errico, Erika Eleniak e Pamela Denise Anderson no elenco de Baywatch.
Atributos não lhe faltam, apesar de nem sempre se ter sentido à vontade com o seu corpo. "Tive muitos complexos por ser demasiado magra, por não ter grandes curvas, por ter as mãos e os pés compridos, por usar aparelho e óculos. Os meus colegas da escola foram bastante maldosos. Mas com o passar do tempo aprendi a amar-me e a cuidar de mim, para poder ser a melhor versão possível de mim mesma", partilha. Aos quatro anos posou para o seu primeiro ensaio fotográfico e aos 16 deu início à sua carreira artística. Hoje em dia torna-se impossível mergulhar na imensidão dos seus olhos verde-água e ficar indiferente ao frémito vibrante que provocam, sendo a prova viva disso a irresistível sessão fotográfica que fez com Ana Dias. "Correu muito bem, diverti-me imenso a ouvir músicas dos anos 80 enquanto fazia poses de aeróbica".
Nascida em Londrina, no estado do Paraná, no Brasil, foi batizada com nome de mulher-guerreira e alma de Amazonas. Do alto dos seus imponentes 1,74 m, envolve-nos em voluptuosas danças, esvoaçando os seus selvagens e longos cabelos loiros, quase brancos. Os lábios, rubros e fogosos, avançam felinamente em direção à objetiva dos fotógrafos conceituados para quem já posou. Poderosa, intensa, dantescamente lasciva, Hellyda insurge-se caprichosamente, vestida de erotismo e de excitação, como um astro em fogo a explodir no coração. "Os meus traços favoritos? Os lábios, o nariz, as mãos e os seios". Apimenta a vida com o seu mar em chamas e deixa em nós um rasto de febre, que só anseia por tocar o seu espírito livre, leve e solto. Não se deixa desarmar e parte para o confronto de peito aberto. "Sou muito determinada e luto por aquilo em que acredito. Sou forte e sólida como uma rocha, independente, generosa, sei o meu valor e não aceito nada abaixo deste, não perdendo, porém, a humildade. Sou vaidosa e prefiro poucas coisas, mas de qualidade, e isto é válido para as amizades também", confidencia.
Madonna, Diane Keaton, Frida Kahlo, Cher, Birgitte Bardot e Mick Jagger integram o seu rol de inspirações e é a eles que vai beber a irreverência e o atrevimento com os quais nos inebria. A sua entrega a este género fotográfico mais artístico, intimista e desinibido aconteceu, por isso, de forma natural e desprendidamente comprometida, combinando na perfeição com a sua "personalidade extrovertida e desinibida".

Hellyda deixa em nós um rasto de febre, que só anseia por tocar o seu espírito livre, leve e solto

Aventureira e viajante do mundo, já viveu em Portugal e Itália, mas neste momento tem morada em Londres, no Reino Unido. Dos momentos mais marcantes da sua vida destaca a sua primeira experiência a viver sozinha numa cidade nova, sem dominar a língua nativa, a primeira paixão e a descoberta do amor-próprio. "Tudo isso marcou a minha vida e fez com que eu crescesse muito". Para além das suas lúbricas aparições na *passerelle* e nos *frames*, Hellyda criou, em 2011, uma marca contemporânea e unissexo de sapatos, a Meneghini. Ela é responsável pela coleção feminina e pelo *marketing* da marca. O calçado, esse, é inspirado nos tradicionais chinelos venezianos do século XVIII. Feitos à mão, em Itália, a partir de algodão e de pneus de bicicleta reciclados, são confortáveis, coloridos e versáteis, refletindo os mundos interiores da sua criadora.
Não há forma de rematar a história do vulcão Hellyda Cavallaro, por isso resta-nos demorar a nossa atenção no tempo verbal que se avizinha, o futuro, fechando este trilho pelo pantanal com a chave que guarda o jardim dos sentidos despertos. "Amo a natureza. O meu maior interesse é o de ajudar a proteger o meio ambiente da poluição e da exploração. Já participo bastante, mas quero fazer mais. Tenho um projeto em mente e espero poder partilhá-lo em breve. Gosto muito de *yoga*, jogo frescobol no parque, ando de patins e de *skate*, pratico *snowboard*. Também leio bastante, especialmente livros sobre psicologia, comportamento e bem-estar. Ultimamente ando a explorar a minha espiritualidade. Quero, sobretudo, ter um negócio sustentável de sucesso, a partir do qual possa exprimir todos os meus conhecimentos e valores. E ter uma linda família, claro. Tenho a impressão que vou ser uma ótima mãe". ●

















ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA: GONÇALO JORGE;
MAKEUP & HAIR: RAQUEL BATALHA.



VALERIA YASKOVA

POR DMITRY CHAPALA























Ana Bacalhau
EM NOME PRÓPRIO

Após uma década a dar voz às canções dos Deolinda, Ana Bacalhau fala-nos de "Nome Próprio", o seu primeiro álbum a solo.

POR JOANA CLARA

Não se deixa servir às postas, nem ficar de molho durante demasiado tempo. O nome de guerra? Ana Bacalhau, para ela, para os amigos, para nós. Vende o seu peixe como ninguém e o seu álbum de estreia, a solo, serve de evidência. Está mais livre, firme, confiante e "sem nada a temer". Contra tudo e todos, até de embate com a sua essência rabina, lançou-se às feras e deixou-se ir, ao sabor da corrente, que é a mesma que lhe corre nas veias: a música tradicional portuguesa, no seu encontro mágico com a terra.

INSOMNIA Magazine: Como é a Ana Bacalhau em nome próprio, dez anos depois dos (da) Deolinda?

Ana Bacalhau: É uma Ana que ainda se está a descobrir, na verdade. O meu universo artístico sempre foi de partilha, de contribuição de uma parte para um todo que era construído a quatro, pelo menos, no caso dos Deolinda e das minhas anteriores bandas. Entretanto, quando me comecei a sentir preparada – e este foi um trabalho de muitos anos, na verdade, porque desde de miúda que sonho ser cantora –, imaginava uma carreira a solo. Mas a vida levou-me para bandas e ela saberá porquê. Naquela altura precisava de perceber o que é que podia fazer, em que é que podia contribuir como artista em nome próprio. E esta foi sempre uma questão que coloquei a mim mesma, ao longo destes anos, inclusive nestes dez anos como Deolinda; isto é, interrogava-me de que forma é que podia fazer algo que fosse interessante para mim e para o público, e, claro, que não fosse uma cópia daquilo que já tinha feito no passado. Fui tentando encontrar em mim essa expressão, a partir das minhas impressões, do que estava cá dentro. Comecei então a sentir-me preparada há cerca de dois anos.

A carreira dos Deolinda atravessava uma fase em que podia perfeitamente aguentar esse meu desejo. E o que é que eu pensei? Pensei no meu primeiro disco a solo como uma apresentação, apesar de as pessoas me (re) conhecerem dos Deolinda. Mas esta é, sem dúvida, uma parte de mim que as pessoas não conhecem. Tive de pensar também no que fazia sentido mostrar em público, através das letras, da sonoridade que era criada, das inspirações, das canções; e foi também isso que procurei transmitir aos autores, quando falei com eles sobre o que pretendia para este disco. Obviamente que não quero que este seja o primeiro e único álbum, quero que haja mais, mas se, como se costuma dizer, morresse amanhã, morria descansada, porque, pelo menos, tinha deixado um testemunho.

Há sempre um núcleo que se mantém, mas as nossas peles vão mudando. Neste momento sou o resultado, obviamente que em termos musicais, de quinze anos de música, dez com Deolinda e cinco com outros projetos (como os Lupanar), de aprendizagens, de muitos palcos, mundos, muito país. Depois passei por fases importantes na minha vida: casei-me, fui mãe, saí de casa dos meus pais. Tudo se transforma, na realidade.

Também sou uma Ana que não se esquece de quem foi: quem era a miúda que, na escola primária sofreu com o gozo dos colegas, a adolescente que se assumiu como era, sem medos, com o seu apelido bem vincado, e que começou a descobrir o canto. E isso ajudou-a, sabes? Ela começou a cantar com os colegas e a acalentar o seu sonho. Recordo ainda a Ana que vivia em Benfica, na cidade grande, mas que passava os verões na casa dos avós, em Carvalhal de Mouraz, perto de Tondela. Portanto tinha em mim esta faceta de aldeã, num Portugal rural. Queria que esse bocadinho de Ana do passado e da Ana de agora estivessem presentes nalgumas das letras, nas canções, na sonoridade do disco no seu todo.



Foto: Ana Dias

"Não me lembro que há uma sala e pessoas a olharem para mim"

IM: Começaste a tratar-te por tu neste (re) encontro contigo mesma?
AB: Sim! Esta é a primeira vez que me utilizo como matéria-prima. Não quero com isto dizer que, nos outros trabalhos que editei, não tivesse referências minhas. Aliás, nem conseguiria cantar uma canção na qual eu não me revisse. Mas, neste caso, é diferente. Sou a matéria-prima: a minha vida, as minhas experiências, as várias fases pelas quais passei contam a minha história. Utilizo isso para criar e para dar indicações aos criadores que me acompanham, tanto ao nível da música, como da imagem.
IM: Numa procura por um espelho que seja o mais fiel a ti?
AB: Sim! Deolinda é uma personagem que vesti e que contava os outros. Pensei que se havia algo de interessante a dizer, teria de ser, desta vez, através da minha voz, da minha visão do mundo. Para as pessoas perceberem que há uma Ana, que, para além daquela que as pessoas acham que é extrovertida – uma "falsa extrovertida", confesso – e que corre o palco numa boa, há uma outra Ana (foi assim que comecei a cantar e que é algo que me conta na perfeição) que está com os cabelos sobre a cara, a cantar uma canção romântica qualquer e que está a olhar para dentro de si. Nalgumas interpretações em palco, isso acontece-me, sem ser pensado. Fecho os olhos e estou no meu mundo. Há espaço para o desequilíbrio até. Não me lembro que há uma sala e pessoas a olharem para mim. Estou sozinha comigo, na minha bolha. Claro que isto não acontecia com Deolinda, nem faria sentido que assim fosse. Era algo contado para fora; aqui já posso olhar para dentro de mim. A música sempre me serviu de terapia… e esta é a minha forma de expressão. Isto é o que tenho para dar.
IM: "Nasci eu Ana Sofia. Bacalhau na certidão. E desde desse belo dia sou eu, faço questão", dizes em 'A Bacalhau'. O teu apelido foi um carimbo duro, mas também recompensador no B.I., no Q.I. e no peito?
AB: Foi importantíssimo. Acho que se me chamasse Silva, teria sido um pouco diferente. Tive de passar pelas várias fases e dores de crescimento. Primeiro queremos estar integrados num grupo, ser iguais aos outros e não almejamos nada que nos destaque – pelo menos que nos evidencie pela negativa. Passei essa fase e superei-a; mas depois desejei ter algo que me distinguisse realmente. É fixe termos algo que nos diferencie para o mundo, que trace a nossa identidade. O meu nome foi e é importante, porque é Ana Bacalhau. Eu sou Bacalhau para os amigos e isso é algo que me identifica. Obviamente que ainda hoje é chato o facto de muitas pessoas pegarem apenas por isso. Continuam com aquela conversa de "que mãe tão má que colocou este nome à filha" (risos). O nome é do meu pai, não é da minha mãe. Sempre a culpar as mulheres, impressionante. Este é o meu nome de família e não é horrível. Ele também me ajudou a posicionar-me enquanto pessoa e mulher. Agradeço-lhe todos os dias, porque penso que, sem ele, seria uma pessoa totalmente diferente, e se calhar, não lhe iria achar tanta graça.
IM: Tens feridas de guerra do passado?
AB: Ainda hoje, sabes? A luta com a minha imagem é-me antiga; e, no caso da música, aconteceu principalmente com Deolinda. Aquelas roupas não eram só para vestir a personagem, mas também para me esconder um bocadinho. Não sabia bem o que fazer comigo, com o meu corpo. Fui aprendendo a valorizar-me. Vou procurar explicar da melhor forma, para as pessoas não pensarem que sou louca. Olho-me, vejo os meus traços positivos, mas dou sempre mais valor aos detalhes negativos. Para mim é muito mais difícil acreditar num elogio físico, digamos assim, do que acreditar numa crítica física. Ou seja, para mim, as pessoas podem dizer que sou ou estou bonita, e fico feliz, mas não acredito verdadeiramente nisso. São as feridas que eu carrego. Mas aprendi que tenho de me valorizar, porque depois olho para trás e penso: "oh, que parva que tu foste. Porque é que fizeste isto a ti mesma?". Agora quero é deixar andar, olhar para trás e dizer "olha que fixe. Viste filha? Estás a ver a mãe aqui? Estava a valorizar-se". O *bullying* que sofri deixou marcas, claro. Costumo dizer que é como o papel, quando o amachucamos: por mais que o tentemos alisar, fica lá o vinco. Decidi então utilizar esse vinco como um detalhe positivo, que me ajuda a criar arte. Essa dor? Sublimo-a em arte. Foi assim que aprendi a lidar com tudo – e também graças ao passar do tempo e às sessões fotográficas que fui fazendo. Tenho de me olhar externamente, tenho de me ver em concerto e de perceber o que estou a fazer bem; por isso agradeço imenso os vídeos que colocam no Youtube e no Instagram (risos). Na verdade são fonte de estudo, para mim e para o meu trabalho. Fui percebendo o que me assentava bem, como é que me via bem representada. Isso foi fundamental! E aqui cheguei e estou feliz com este momento que vivo.
IM: Recuperando a tua formação em literatura e nas várias faces que saltam à vista na capa de "Nome Próprio", há uma pergunta que nos assola. Tal como Fernando Pessoa, és um quarto com múltiplos espelhos? Mas, ao contrário do poeta, sabes quem és e quantas almas tens?
AB: Acho que tenho vários quartos com múltiplos espelhos (risos). Não sei se acredito na reencarnação, mas não fecho nada, estou aberta ao desconhecido, porque





não sabemos o que nos acontece a seguir. O que sinto é que tenho uma alma velha, no sentido em que, talvez pelas coisas que vivi quando era miúda ou por causa de um *chip* que, talvez, já venha integrado, sempre tive uma conversa com o mundo na minha cabeça, com as coisas que me iam acontecendo, o que me foi ajudando a ter uma maturidade para lá dos meus anos, tanto emocional como intelectual. Aos 15 anos, procurava os livros religiosos. Estava a ler a Bíblia e O Livro dos Mortos. Na literatura ia procurando obras que não eram indicadas para a minha idade. Parecia uma *nerd*, é certo. Queria meter conversa com os rapazes, mas não conseguia. Eles não tinham muita conversa para mim, na verdade. Acho que tenho uma alma que é uma espécie de labirinto – e ando perdida lá pelo meio. Neste momento, como estou de bem com a vida, sinto-me sempre inquieta. Daí falar dos bichos carpinteiros nas minhas canções.

IM: Consideras-te uma garota castiça, pespineta e rabina?

AB: Sempre me vi forçada a defender-me na vida. Percebi que o simples ato de sorrir é a melhor arma para perceberem que não me conseguiram atingi. É sinal que me adiantei ao outro. Isto ajuda a parar, porque sei que soube reagir primeiro. E a cena do nariz empinado, procuro não a ter em demasia, para não assustar as pessoas; mas quero mostrar que sou aquela miúda que diz "não preciso que se preocupem comigo, que está tudo bem". Não venham cá perguntar-me se eu estou bem ou mal. Isto serve para me proteger. Não gosto de abrir brechas – só se estiver bastante à vontade com a pessoa é que abro essas janelas. Sou bastante sensível nesse sentido. Algo que me magoa, magoa-me profundamente; e pode arrasar comigo, se vier de alguém para quem me abri completamente.

IM: Foi a primeira vez que escreveste canções para um álbum com a tua assinatura. Como foi receber o teu retrato pelos olhos de Capicua, Jorge Cruz, Márcia, Samuel Úria e Afonso Cruz?

AB: Foi muito giro! O Afonso Cruz não me conhece pessoalmente, o que também achei curioso. Qual é a visão dele sobre alguém que só conhece do que lê e do que vê? Todos os outros autores conhecem-me; uns melhor, outros pior. Tinha muita curiosidade de me ver aos olhos dos outros, perceber se me retratam bem ou se me escondo demasiado.

A música do Jorge Cruz, dos Diabo na Cruz, 'Leve Como Uma Pena', fala deste momento que atravesso. Estava super confortável, quando me questionei acerca da razão de querer lançar o álbum a solo, contra todas

Fotos: Ana Dias



Foto: Ana Dias

"Estive sempre de braços abertos e acolhi o país onde nasci"

as vozes de fora (que não são as da minha banda, claro) e que me diziam para não fazer isto. Os Deolinda hão-de continuar certamente, mas agora preciso de fazer isto por mim, contra tudo e todos; até contra mim mesma, os meus medos e as minhas inseguranças, porque o nosso pior inimigo somos nós mesmos. Precisamos de avançar contra todas as tempestades, porque uma pessoa só sabe que é forte e o tamanho da força que tem, quando enfrenta uma tempestade e sobrevive. Se a vencer e não fugir dela, será mais feliz. Não estou a falar daquela felicidade tonta ou fugaz, mas a felicidade no sentido de nos sentirmos mais fortes, mais nós. Somos um *puzzle* e, ao longo da vida, vamos encontrando as peças. Para encontrarmos a peça-chave do *puzzle*, andamos feitos tontos. A nossa vida faz-se dessa procura; e quero encontrar o maior número de peças que consiga. Esta música fala precisamente dessa conquista e da necessidade de dizer "consegui, fiz isto por e para mim". Todas as pessoas passam por aquilo que a música descreve nalgum momento da sua vida. Mal seria da pessoa que nunca passou por aquilo.

IM: O que te faz sentir leve como uma pena? É essa vontade de demover barreiras, viver sem indefinições e ter a primeira e última palavras nas tuas decisões?

AB: O amor, sempre. Não falo apenas do amor romântico, mas do que querer bem a outra pessoa sem pedir contrapartidas, de conseguir fazê-la feliz, de receber amor e carinho do outro, sem segundas intenções, de forma genuína. Falo de um ser humano ou de outro qualquer animal – do meu gato Sebastião, por exemplo. Esses momentos de troca e de partilha com o outro dão-me essa leveza que preciso. Também me faz sentir leve uma boa obra de arte, música, filme, livro ou encontro comigo mesma em palco, as minhas chamadas epifanias. A natureza, um dia de sol maravilhoso. Encontro paz, ainda que momentânea, nestes detalhes.

IM: Porquê esta ligação intrínseca e quase visceral à música tradicional portuguesa?

AB: Quando pensava enquanto artista, no que tinha para mostrar, sempre tive uma certeza: tinha de trabalhar a partir da música tradicional; mas não do fado, porque não sou nem me sinto como uma fadista. Sinto-me como alguém que nasceu neste país, tão rico e tão diverso nas suas tradições. Os lisboetas têm, em si mesmos, um pouco de todo o país, das tradições à cultura. E um lisboeta que tenha sido nascido e criado aqui, que tenha ligações fortes à sociedade e ao seu bairro, convive com elas e vai apreendendo os ritmos, os costumes, as formas de estar. Nunca senti que Lisboa estivesse de costas voltadas para o país. Pelo menos estive sempre de braços abertos e acolhi o país onde nasci.
Depois, na aldeia da minha avó também havia disso, sabes? O ritmo, as danças tradicionais, a forma como as tradições fazem sentido nas pessoas. E nascem de práticas culturais, não são movimentos estéticos. O folclore nasce da necessidade de cavarem a terra, de levarem com o sol na moleirinha ou de estarem sujeitos a um gelo terrível, de precisarem de cantar para se aquecerem, para que os gestos mecânicos se tornem mais leves. Também os pastores que passam tempo sozinhos com os seus rebanhos, precisam de se ocupar. Compõem quadras com um ritmo muito especial, o do vento, dos riachos, dos sons que apanham na natureza. Isto para mim, que sou uma pessoa sensível a sons, é muito importante.
E na música, para mim, o que é mais fácil é o ritmo, a pulsação. E a música tradicional tem muito disto, por isso sempre senti que era por aqui o caminho. Como? Para cantar folclore, precisava de contribuir com algo que fosse realmente meu. Ao mesmo tempo também havia um lado de mim que queria trabalhar com músicos, que é, em certa parte, o do cancioneiro anglo-saxónico. Comecei a cantar em inglês e uma boa parte da minha formação musical passou pelo *grunge*, por Janis Joplin, The Doors e Motown, pela cultura negra. Nunca percebi como é que podia casar as duas coisas, sem ser de forma desastrosa (risos). Até que num concerto de Fausto, aquele ritmo que está na base, aquela ginga, me fez recordar a riqueza de Motown. Apetece logo dançar, criar algo. Achei que podia ser a partir daí, de uma secção rítmica forte, um som poderoso que, desde os primeiros segundos, te agarrasse e te apetecesse dançar.
Penso que o que faz sentido e que me acompanha, desde sempre, é o som dos instrumentos tradicionais, como o cavaquinho, os sons da terra. Acredito que a minha música reflete isso, como boa portuguesa que sou.

IM: A tua avó dizia que cantar é rezar duas vezes. As tuas letras são a tua oração e a tua confissão?

AB: São, sem dúvida. É-me muito mais fácil falar de mim e abrir brechas através da música do que numa conversa. Quando escrevo uma letra, é algo sincero, do coração. Não faz sentido para mim ser de outra forma. Se tiver de escrever sobre o outro e a sua experiência, é-me mais difícil. A minha criação, a minha escrita, parte sempre da minha matéria-prima, que sou eu. É sempre o meu ponto de vista, mas aberto aos outros. Cultivo a empatia, porque considero que é uma das melhores qualidades do ser humano. Procuro ser empática, olhar para o outro com o coração aberto e tentar chegar até ele.

IM: Foste arquivista, mas catalogar a vida não é algo que te apraz.

AB: Nem quero.

IM: Deixas que a ela te leve pela mão, como uma canção, e te conduza até à tua liberdade, porque o que tem de acontecer (e de ser) tem muita força?

"Vivo com o propósito de a minha vida não ser facilmente catalogada"

AB: Aliás, vivo com o propósito de a minha vida não ser facilmente catalogada. Já aprendi que sim, que é melhor. Também tenho objetivos definidos e vou trabalhando, preparando-me para o dia em que chegam. Digo ao universo: "olha, queria imenso fazer isto, que isto acontecesse na minha vida". Mas já percebi que não vale a pena forçar, porque estraga tudo. As coisas acontecem quando têm de acontecer. Lá está, porque o que tem de ser tem muita força, como diz a canção dos Deolinda. Geralmente só acontece quando estamos preparados. Podemos desejar muito algo, mas se ainda não estivermos realmente preparados para lidar com isso, não vale a pena insistir. Se não vier da forma como imaginámos, virá de outra, certamente. Temos de ser perspicazes e perceber que é aquilo, daquela maneira, porque é o melhor para nós. Até pode não ser, mas refiro-me a este pensamento de uma perspetiva positiva. Há muitas situações traumáticas que acontecem a muita gente e não é a melhor maneira. Mas mesmo as coisas que acontecem e que não têm explicação, podemos optar por escolher as sombras ou dar a volta por cima. Não sou um agente passivo, sou um ativo, mas já percebi que também não posso forçar. Eu e a vida, bem é um diálogo constante. Fico aqui à espera que ela me dê um toque.

IM: O tempo verbal que trazes no bolso, ancorado no coração e alojado nos pensamentos é o presente. É por essa razão que preferes deixar o futuro para amanhã?

AB: Precisamente. Não valia a pena estar a pensar no futuro. Nem tudo acontece como queremos e com o cenário que criamos na nossa cabeça, o que, muitas vezes, provoca a maior desilusão das nossas vidas. Mais vale não fazer isso. Para mim, o momento presente é o do palco. Ali não estamos a pensar nem no passado, nem no futuro, no que aconteceu nem no que irá acontecer. Naquela bolha, uma pessoa sente-se mais viva do que nunca. É incrível a vitalidade, o ânimo que nos atinge. Ali é um momento de terapia e de meditação.

IM: Onde encontraste o teu porto seguro?

AB: Na minha família, nas pessoas que são do meu sangue e nas que escolhi, em quem confio. As nossas ligações são sempre o mais importante. E o palco… Sei que um dia terá de acabar, mas espero que seja daqui a muito tempo. Vai-me custar, mas temos de olhar para vida e procurar todos os caminhos alternativos que existem.

IM: A música foi a primeira forma de expressão artística que abraçaste?

AB: Não, foi a escrita. Os meus pais ofereceram-me uma máquina de escrever quando tinha cerca de oito/nove anos. Foi a melhor prenda de sempre. Escrevi imenso, mas guardo muito pouca coisa. Não guardo recortes de imprensa meus – a minha mãe é quem faz isso. Não sou muito apegada ao passado, porque preocupo-me em construir futuro no presente. A escrita foi, sem dúvida, a minha primeira forma de expressão; a música veio depois.

IM: 2017 foi o teu ano de Luz?

AB: Foi um ano super importante na minha vida, ah pois foi! A maternidade é sempre um embate, é algo muito forte, que muda muita coisa, que enfatiza outras e que te ajuda a resolver questões. É outra situação em que as pessoas não se podem dar por vencidas. É fácil perdermo-nos na assistência ao outro. Sempre tive aquela imagem na minha cabeça das mensagens de segurança dos aviões, em que nos pedem para colocarmos a máscara em nós e só depois é que devemos dar assistência ao nosso filho, ao menor, ao outro. Isto é algo importante na minha abordagem à maternidade. Tenho de estar bem, tenho de me salvaguardar, ter o meu oxigénio, para poder dá-lo. Tenho de me sentir forte, para transmitir toda essa força à minha filha Luz. Para sobreviver à vida com distinção.

IM: Os bichos-carpinteiros continuam a moer-te por dentro? E a pedirem-te que comeces a moldar o barro do teu segundo álbum a solo?

AB: Sempre. Ainda não arranjaram um tratamento eficaz para os bichos da madeira (risos). Na verdade são eles que me fazem avançar. Espicaçam-me constantemente. Já falei com eles por causa do lançamento de um novo álbum, mas só voltaremos a essa questão depois do verão, depois de esquematizar as minhas ideias. Não sei se vou escrever mais ou menos, mas o mais importante é ter lá um testemunho meu. Tenho mais facilidade em escrever do que em fazer música, porque preciso de pegar na guitarra, e sou uma preguiçosa. Letras, vou tendo sempre alguma coisa.

IM: Para onde queres deixar-te ir?

AB: Querer, quero ir pelo mundo. Quando percebi que tinha voz, a música bateu em mim. Quando fazemos o que gostamos, aquilo fisga-nos e nunca mais nos abandona. Quero ir sem rumo, na verdade sempre quis ser uma alma livre, mas com raízes. Raízes portáteis, como os nenúfares, estás a ver? Têm raízes grandes, mas navegam ao sabor da corrente. Quero que a corrente me vá levando, a mim e às minhas raízes, e se poder ser numa corrente musical melhor. Quero conhecer e ter mundo, ter vida, acrescentar experiências à minha experiência, conhecer mais pessoas. E cantar muito – é isso que quero. ●

HOSTEL ON WHEELS
Campervan Hire

ALUGA UMA AUTOCARAVANA E AVENTURA-TE!

www.HOWcampers.com

info@hostelonwheels.pt | +351 926 336 939

insomnia girl

JULIA YAROSHENKO

POR PAUL TREMASOV





























Koy Lab

album tailoring

A Koy Lab é uma empresa de criação e impressão de álbuns fotográficos. Criada em 1977, enquanto laboratório fotográfico profissional, cedo iniciámos a nossa busca por novos desafios e mercados e, por isso, a partir de 2001, começámos a desenvolver a nossa atividade na impressão de álbuns digitais, sempre com o objetivo de corresponder às necessidades e expectativas dos fotógrafos profissionais, o nosso público-alvo.

A variedade de produtos e serviços, sempre submetidos a um rigoroso controle de qualidade, os prazos de entrega e os preços competitivos, têm permitido responder positivamente a esse propósito, a par do nosso crescimento e posicionamento no setor da criação e impressão de álbuns digitais.



DOU-ME CORDA

"Eu tenho a corda dos sapatos afinada em ré
Não consigo andar prá frente p'lo meu próprio pé
Nem com trotes nem trinados nem com a Santa Sé
Falhou-me o auto-empurranço, é só cafuné"
- Samuel Úria

© Mr Bean TM



A ILHA DO MISTÉRIO

O enigma das cabeças de pedra da Ilha de Páscoa continua envolto num manto de mistério. Não espere mais... tente desvendá-lo!

POR JOANA CLARA

Quem já viu os filmes 'À Noite, no Museu' certamente estará recordado do *totem* da Ilha de Páscoa, do terceiro andar do Museu de História Natural de Nova Iorque, que comunica com o guarda-noturno (Ben Stiller) com um misterioso "dum dum gum gum". Este é um dos poucos *moais*, as gigantes esculturas em pedra, que estão longe do seu *habitat* natural - outro exemplar pode ser contemplado no Museu Britânico de Londres, no Reino Unido. Ao todo contam-se 887, sendo que as primeiras cabeças fúnebres foram esculpidas em pedra vulcânica escarlate e transportadas para os *ahu*, os altares que se ramificam pela ilha; colocadas de costas voltadas para o mar intempestivo, a sua missão de vida era a de proteger o povo dos maus presságios. Os anos pediram-lhes mais detalhes e robustez, de forma a evidenciarem toda a sua magnificência, fazendo recuar quem ousasse pisar chão sagrado.

Considerada o pedaço de terra mais isolado do mundo, na fronteira da Polinésia Oriental, no Oceano Pacífico Sul, a Ilha de Páscoa tem sido apelidada, ao longo da história das civilizações, de Rapa Nui ("Ilha Grande"), Te Pito o Te Henúa ("Umbigo Do Mundo") e Mata Ki Te Rangi ("Olhos Fixos No Céu"). Na verdade, este paraíso na Terra, que é território chileno desde 1888, nasceu misteriosamente a partir de três erupções vulcânicas, em três épocas distintas, e foi descoberto, ao acaso, pelo navegador holandês Jakob Roggeveen, comandante de uma frota de três navios europeus, no domingo de Páscoa de 1722.

As romarias de viajantes, aventureiros, historiados e geógrafos ao tesouro de águas reluzentes do arquipélago polinésio potenciou o crescimento do turismo pelos seus 163.6 quilómetros, em forma de triângulo. Para além das imponentes esculturas, o nascer e o pôr do sol pincelam os postais da memória com um misticismo arrebatador. Demorar o olhar nos cavalos selvagens, nas cavernas, nas rochas que outrora arderam no ventre da Terra, conduz-nos até ao espírito mais selvagem da Ilha de Páscoa. Mergulhar nas profundezas do seu denso azul meia-noite é como entrar num universo onírico, do qual não queremos ser convidados a sair. Não deixe ainda de visitar o vulcão Rano Kau, que possui um avassalador lago no interior da sua cratera, e a praia de Anakena, onde poderá meditar ao som tranquilizante das ondas.

Se está a pensar adicionar esta rota ao seu passaporte, atente neste pormenor: um turista lascou uma orelha de um dos *moais*, tendo sido proibido de visitar a ilha durante três anos e multado em 17 mil euros. Preste então o máximo de respeito para com aquela que é uma das criações mais inexplicáveis e desafiantes da humanidade.

Foto: Ana Dias

Boonzi
www.boonzi.pt



O seu dinheiro evapora-se antes do fim do mês?

Conheça o destino de cada cêntimo
e **poupe mais com o Boonzi**.

Descarregue já em **www.boonzi.pt**



SUSHI SHOP

Sushi *Michelin com assinatura de Anne Sophie Pic e vista para o Mercado da Ribeira.*

POR GONÇALO PINTO JORGE

A Sushi Shop é uma cadeia internacional com espaços em mais de 14 países e por cá desde 2017. A única *shop* em Portugal, no momento, é no Cais do Sodré, em Lisboa. O nome conta parte da história: é uma loja (que apesar disso tem um espaço interior relativamente pequeno e duas esplanadas) que se foca no *take away* e entrega ao domicílio. Até aqui tudo parece algo trivial, mas o que torna a Sushi Shop excecional é a frescura, originalidade e óbvia qualidade das suas peças de *sushi*. As parcerias anuais da marca com *chefs* de renome explicam o sucesso. Se passar por lá por esta altura poderá provar o *sushi* criado pela premiada *chef* francesa Anne Sophie Pic que soma, no total, sete estrelas Michelin nos seus quatro restaurantes. Há só mais um detalhe, quando provar estas iguarias, a *chef* não quer que as coma com *wasabi* nem soja!

PRAÇA DOM LUÍS I 30, 1200 - 152 LISBOA

CINCO LOUNGE

Cocktails *no Príncipe Real para surpreender até os palatos mais exigentes.*

Este que é um dos melhores bares da capital tem um ambiente *lounge* sofisticado, onde se respira elegância, e onde uma sublime lista de *cocktails* de autor nos convida à descoberta. São dezenas saídos da imaginação dos proprietários que estão constantemente a inovar e a fazer novas experiências. Um deles é o inglês David Palethorpe, que trabalhou em vários bares pelo mundo fora (desde a Austrália aos Estados Unidos), acabando por decidir abrir o seu próprio bar em Lisboa. Este espaço no Príncipe Real, uma das zonas com melhor vida noturna da cidade, é um dos *spots* de eleição para descontrair e conversar sem precisar de gritar para ser ouvido. E quem não gosta de bebidas alcoólicas não tem de ficar a olhar para as paredes, cortesia das belíssimas listas de *cocktails* virgens e chás.

RUA RUBÉN ANTÓNIO LEITÃO 17, 1200 - 392 LISBOA



Fotos: © Sushi Shop. © Cinco Lounge

CRAFTS & DESIGN
um refúgio de entrada gratuita

No primeiro fim de semana de cada mês, o Jardim da Estrela, no coração de Lisboa, ganha cor com criatividade, identidade, arte e artesanato.

POR ALEXANDRE MENDES

Não era nada não. Era só um refúgio precisamente sem nada, onde me podia pousar debaixo de uma sombrinha e ver passar o que não mexe. Uma vez, lá passaste tu e os meus olhos ficaram em ti que me levaste nesse passeio que vieste dar. Havia uma beleza funda na tristeza que trazias nos olhos, no teu andar muito direitinha quando vinhas até ali para te perder. Talvez fosse a vida que te trazia até cá. Talvez fosses como eu que procuravas tanto uma sombrinha como um refúgio. Talvez fosses quem eu procurava mas talvez não tenhas vindo para me ver. Vinhas sem outro destino sem ser ali chegar. Trazias um vestido que justamente não deixava que te vissem. Aceleravas o passo sempre que passavas perto de alguém. Cumprimentavas a estátua do Antero de Quental como se fosse alguém dos teus. E o meu interesse crescia a cada passo.

Apanhei-te no balcão do quiosque. Pedimos os dois um café mas eu dei-te a vez sem troco. E quando não precisei de te olhar para saber que estavas mesmo ao meu lado abençoei os balcões estreitos do quiosque, quis respirar o que sentias e sorri para a delicadeza com que bebias o café. Deste a tua voltinha, guardaste a imagem do coreto e sei que olhaste ao longe as pessoas na esplanada da biblioteca. Voltei ao Jardim da Estrela muitas vezes depois e não te encontrei. Vi uma vez o Sérgio Godinho e muitos outros avozinhos graciosos por lá passar. Vi crianças que brincavam, famílias de toalha no chão, turistas que fotografavam a vida mas a ti não te encontrei mais. Quase te esqueci confesso, não fosse este gosto pela poesia e por almas frágeis. Voltei ao Jardim da Estrela um dia porque me falaram de uns mercados de coisas antigas, de artesãos urbanos, no fundo, mercados de coisas misturadas, produtos onde as pessoas se metem de alma toda para vender a preços que não enlouquecem ninguém. la ver os livros mas acabei nas aguarelas e lá estavas tu, refugiada no cavalete, frágil e incerta como uma primeira pincelada. Pedi-te aquela do Antero que tinhas ao fundo, que pensei que talvez tenha sido pintada naquele dia. Trocamos gentilezas e, pela primeira vez, um olhar. Quis dizer-te que nos veríamos mais vezes, sempre que quisesses mas fugi. Não sei se foi intencional – às vezes, sento-me à janela e quero acreditar que sim – mas veio no embrulho um folheto do *Mercado Crafts & Design*, todos os primeiros fins de semana do mês, excepto em janeiro, no Jardim da Estrela. Dizia ainda que a entrada era gratuita. A entrada é sempre gratuita em todos os refúgios onde vamos para nos perder, talvez por isso demasiadas vezes nos passem ao lado. Não percam este, pelo mercado de artes bonitas, pelas grandes árvores a fazer sombrinha e por, a cada passo, poderem encontrar alguém que mais ninguém vai ver. Todos os primeiros fins de semana do mês. De graça.



Foto: Ana Dias

lorenz bell®

connecting the future

www.lorenzbell.com











FOLLOW JOANA

Deixe-se encantar com o sorriso verdadeiro desta musa de espírito livre.





Já lá vão alguns anos desde a estreia da terceira temporada da série Morangos com Açúcar em que a doce Matilde, protagonizada por Joana Duarte, deixou muitos corações adolescentes a suspirar. Agora, com 31 anos e uma carreira de atriz (e modelo) já bem consolidada, são os graúdos que suspiram por Joana.
Joana Duarte descreve-se como uma amante da natureza, dos animais, do oceano e do universo. Uma eterna viajante, de sorriso aberto e espírito aventureiro. Quem ainda não a conhece que a procure pela rede. Não se vai arrepender.

Siga a Joana em:
instagram.com/joana____duarte









Fotos: instagram.com/joana____duarte



A GRANDE PARADA DE AGOSTO

POR PAT R

Quando o ouviu ressonar, levantou-se. Abriu a gaveta, procurou a bolsa dos pensos e levou-a. Tinha a sensação de que o corpo tremia, mas não queria saber, apetecia-lhe sentir-se jovem e inexperiente. Deixou que o nervosismo a conduzisse sabiamente, a recordação do que era o desejo pulsante, até à loja dele.
Quando o relógio da igreja deu a meia-noite, ela acelerou o passo, hipnótica. A excitação cresceu, aquela que antevia um passeio mais promissor do que a sua solidão ao luar de agosto. "Somos partes essenciais da ilha, sem nós ela não seria nada". Perto do restaurante, hesitou, sentou-se num banco de pedra e lembrou-se do primeiro homem com quem dormira, que lhe dissera que ela queria dominar o sexo. Na altura, rira-se, mas agora compreendia-o. A luta desenfreada por impor algum controlo numa ação cuja natureza é descontrolada por si mesma. Era isso que a atraía nesse movimento, a liberdade das não-respostas. Max fora um parceiro dessas concretizações, agora pertencia à parte sólida, estava calcificado nela.
Deu um passo em frente e viu-o.
- Boa noite – cumprimentou-o, timidamente.
O homem levantou os olhos das peles e observou-a, um brilho reluziu-lhe no olhar.
- Boa noite – respondeu. – Sempre vieste.
- Bem, sim. Não conseguia dormir. Está demasiado calor.
- Se tivesses chegado mais cedo, tinha-te levado a jantar.
- Já regressei muito tarde da praia, não seria possível.
Decidiu que ocultar a existência de Max seria para o bem dos dois, essencial para a sua libertação. Ele sugeriu uma *grappa*, mas ela apressou-se a mencionar a praia, estava demasiado calor para álcool. Depois, não se recorda nitidamente do resto. Uma amnésia temporária apagou-lhe o caminho até à escuridão da praia, onde regressou a si quando ele a começou a beijar. Toda ela era expetativa, entregue à beleza proibitiva das coisas. Desembaraçou-se dos calções brancos, do *top* verde e deixou que a expetativa outrora revisitada dos dedos fortes lhe apertassem as mamas fora do *soutien*, que dedos curiosos se entalassem nas suas cuecas, acompanhada de uma certeza crescente de qual seria o próximo passo, conhecido de cor, no qual a língua se enrolaria nos pelos púbicos, as mãos lhe agarrariam e acariciariam as nádegas, suspiros ofegantes de manutenção, até que o estrondo do orgasmo dele a entregaria a um momento insípido de silêncio. Entre tudo o que acontecera, a familiaridade fora óbvia e inquietante, na sua ferocidade carnal de quem conhecia demasiado bem o que era querer. Previra tudo, exceto aquilo. Tudo exceto que, ao fim de cinco minutos, já se encontrava enfadada. Previra tudo, exceto que iria trabalhar as ancas mais velozmente, não por prazer mas por impaciência, que gemeria alto e falsamente, suplicante ao ponto de simular o clímax, na expetativa de que o conjunto do seu esforço o levasse ao orgasmo. Previra tudo, exceto o sensaborão da cena.
O primeiro pensamento que a acometeu depois do facto consumado foi que talvez estivesse na profissão errada. Sentiu-se injustiçada pelas suas expetativas, pelo decorrer dos acontecimentos, pela incapacidade de ter sentido prazer. Muda, rejeitou as carícias do italiano e levantou-se num gesto rápido, de quem procurava as roupas e se precipitava a fugir o mais rápido possível para casa. Só se chegou a manifestar quando fechou a porta do quarto e os soluços irromperam dela.
Max acordou de um sonho galvanizante, violento e quente. O cansaço fizera-o dormir profundamente, mas reconhecia uma ereção quando essa ereção o acordava e o choro de Sarah entre o de qualquer outro som no mundo. Deleitou-se ao observá-la da cama, entregue ao delírio da angústia. Era uma miragem ao despertar, um prolongamento de um sonho bom. Admirou os pequenos detalhes que constituíam o seu todo. Era Sarah Flowers, a mesma que também vivia nele.
Quando o viu desperto, o choro de Sarah cessou.
- Não te queria acordar – fungou. – Não queria mesmo acordar-te.
- Não tem importância, Sarah. Vem cá.
Ela levantou-se e arrastou-se até à cama. Pernas longas e bronzeadas, pele acetinada que resplandecera naquele mesmo dia e noutros ao sol. Recordava-se da mesma imagem repartida por vários sítios, acontecimentos que vinham a repetir desde há dois anos, nos quais a infinitude do seu dourado era, mais uma vez, à falta de outra expressão, paralisadora. Talvez provocado pelo peso do sono, talvez pela beleza da imagem daquelas pernas a movimentarem-se na sua direção, Max Curtis sentia-se intemporal como o *jazz*, uma sensação que revisitava várias vezes, transitório entre um dos ínfimos pedaços de tempo que preenchiam o seu dia. Estava abstraído das falhas, dos erros, da incompetência em serem quem queriam ser e que não eram. Quando ela se aproximou da cama, parecia já não restar quase nada da Sarah, como se aquela tivesse sido uma viagem longa, exaustiva, demolidora. Quando se sentou no colchão, Max enrolou-lhe o cabelo atrás da orelha e observou-a a arrastar a língua suavemente pelo lábio, um hábito do qual jamais se cansaria. Ela estava a desaparecer, mas ele não queria saber. Era estranho o amor que tinha por ela.

Ilustração: Inês Ferreira

SHARISH

GIN



Seja responsável. Beba com moderação.


N8REP